UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ELISÂNGELA RAQUEL PEREIRA MEDEIROS

PROSTITUIÇÃO FEMININA: ANÁLISE TERRITÓRIAL NA FEIRA CENTRAL DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB

CAMPINA GRANDE – PB

2012

ELISÂNGELA RAQUEL PEREIRA MEDEIROS

PROSTITUIÇÃO FEMININA: ANÁLISE TERRITÓRIAL NA FEIRA CENTRAL DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Professor Ms. Agnaldo Barbosa dos Santos

CAMPINA GRANDE

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M488p Medeiros, Elisângela Raquel Pereira.
Prostituição feminina [manuscrito] : análise territórial na feira central da cidade de Campina Grande –PB/ Elisângela Raquel Pereira Medeiros. – 2012.
61 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
"Orientação: Prof. Me. Agnaldo Barbosa dos Santos, Departamento de Geografia".

1. Prostituição - Espaço Urbano. 2. Feira Central. 3. Campina Grande. I. Título.

21. ed. CDD 363.44

DEDICATÓRIA

Dedico todo o meu trabalho a Deus em primeiro lugar, à minha mãe e aos meus irmãos que contribuíram direta ou indiretamente na minha formação e em especial e *in memória* ao meu avô João Pereira, vivo em nossas memórias e em nossos corações.

.

ELISÂNGELA RAQUEL PEREIRA MEDEIROS

PROSTITUIÇÃO FEMININA: ANÁLISE TERRITÓRIAL NA FEIRA CENTRAL DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Aprovado em: 11 de Dezembro de 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Agnaldo Barbosa dos Santos (DG) Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - Campus I Orientador

Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento (DG)
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - Campus I
Examinador

Prof. Ms. Marília Maria Quirino Ramos (DG)
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - Campus I
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradecimento em especial à minha mãe Sandra Maria e aos meus irmãos pelo carinho, compreensão, paciência em todos os momentos da minha vida, incentivando em todo meu desenvolvimento. Eterna gratidão à minha avó Rita Maria, aos meus tios e tias que ajudaram no decorrer da minha formação acadêmica.

A todos os meus professores do curso de licenciatura plena em Geografia, que colaboraram com suas opiniões, discursões ao longo dos debates em sala de aula, contribuindo profundamente na minha formação profissional. Com carinho, respeito e admiração, agradeço ao meu Orientador, amigo, mestre Professor Agnaldo Barbosa dos Santos, não apenas pela orientação desse trabalho, mas pela oportunidade e confiança depositada no decorrer desses dois anos de projetos, artigos, monografia, no qual devo eterna gratidão. O conhecimento compartilhado será pressuposto para minha formação profissional e pessoal.

Aos professores Ms. Hélio de Oliveira Nascimento pelo apoio nos projetos acadêmicos e a Professora Marília Maria Quirino, pelo carinho, disponibilidade de tempo e pela colaboração no planejamento deste trabalho científico.

Agradecimento a todos os meus amigos pela força, amizade e amor que demostraram não apenas nessa etapa da minha vida acadêmica, mas em todas as fases da minha vida, em especial aos meus amigos Cícero Gicomelli e Vanessa Coelho pelo apoio, companhia, força, ao meu amigo Marcio Ferreira por todas as ajudas prestadas. Vocês foram muito importantes neste trabalho científico.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a elaboração e conclusão dessa monografia, obrigada!

“Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer”

Mahatma Gandhi

“Não desanimar diante das adversidades, levantar a cabeça e seguir enfrente mesmo com todos os obstáculos, medos, insegurança”.
Elisângela Raquel Pereira Medeiros

RESUMO

MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira. PROSTITUIÇÃO FEMININA: ANÁLISE TERRITÓRIAL NA FEIRA CENTRAL DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB. Monografia (Graduação). Curso de Licenciatura Plena em Geografia CEDUC –UEPB. Campina Grande PB 2012

A prostituição feminina apesar de ser considerada prática marginalizada não é algo novo, vinculando-se sobre a própria faceta da Historia da Civilização, tendo papel importante em determinadas épocas, essa prática sendo vista como algo perturbador dos bons costumes e da moral da própria sociedade. Através dos tempos, elas passaram por mudanças, no espaço urbano e rural, sendo ressignificação. Nesta pesquisa, a prostituição é entendida como formas de representações de materiais de eventos passados e presentes que integram o lugar construído e praticado, compondo, de modo marcante, a paisagem do espaço público da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Este trabalho tem como objeto de estudo o território da prostituição feminina na Feira Central, em Campina Grande. A investigação, de caráter exploratório realizou a coleta de materiais, através do contato com antigos e atuais moradores e com as prostitutas atuais da Feira as quais foram aplicadas entrevistas. Esta coleta subsidiou a análise que esclareceu o processo de evolução e destruição do "Cassino Eldorado" palco do auge da prostituição da época, na Feira Central campinense, o que esclareceu as respostas às questões da pesquisa, através dos objetivos estabelecidos: Explicar o fenômeno das mudanças em relação à prostituição feminina da Feira Central, em Campina Grande, evidenciar o valor sócio cultural das profissionais dessa prática; analisar o perfil socioeconômico e cultural dos frequentadores associados à prática da prostituição feminina e investigar materiais empíricos e históricos relacionados à prostituição.

Palavras-chave: Prostituição feminina, Território, Campina Grande, Feira Central.

ABSTRAT

MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira. FEMALEPROSTITUTION: TERRITORIAL ANALYSISIN THE CENTRAL MARKET OF CAMPINAGRANDE - PB. Monograph (Graduation). Graduation in Geography, CEDUC-UEPB. Campina Grande PB, 2012.

Although female prostitution is considered a marginalized practice is not novel, binding upon the very facet of the history of civilization, having important roleat certain ages. This practice has always been seen as disruptive of good manner sand morals of society itself. Throughout time, it has undergone changes in urban and rural areas, being reframed. In this research, prostitution is understood as forms of representations of past and present event material which integrate the place built and practiced, strikingly composing the landscape of public space in the city of Campina Grande, Paraiba. This work aims to study the territory of female prostitution at the central marketing Campina Grande. There search, of exploratory character was accomplished by collecting materials through contact with current and former residents, and current prostitutes of the Market with whom interviews were conducted. This data collection made subsidized the analysis which enabled to lay bare the process of evolution and destruction of the "Casino Eldorado" stage at the height of the prostitution at its time in the central Campinense Market. This enlightened the answers to there search questions through the established objectives: Explain the phenomenon of changes regarding female prostitution trade in the Central Market of Campina Grande, the socio-cultural value of this professional practice; analyze the socioeconomic and cultural profile of the clients associated with the practice of female prostitution, and investigate empirical and historical material related to prostitution.

Keywords: Female Prostitution, Territory, Campina Grande, Central Market.

LISTA DE FOTOS

Foto 01 Estrutura do Cassino Eldorado, 2012 39
Foto 02 Ruinas Internas do Salão do Eldorado, 2012 40
Foto 03 Ruinas do salão de jogos do cassino, 2012 40
Foto 04 Voluntários do CIPMAC Alan, Milena, Valdira, 2012 44
Foto 05 Lembrete informativo para visitantes, 2012 44
Foto 06 Vendedores de galinha, 2012 47
Foto 07 Quiosque ponto de encontro, 2012 47
Foto 08 Consumidores da Feira, 2012 47
Foto 09 Sucata e lixo na rua – feira, 2012 47
Foto 10 Feira Central na sexta-feira, 2012 48
Foto 11 Feira Central no domingo,2012 48
Foto 12 Faixada do Bar de Jerlane, 2012 52
Foto 13 O interior do Bar de Jerlane, 2012 52
Foto 14 Faixada do Bar do Sr. José Neto, 2012 52
Foto 15 Parte interna do Bar do Sr. José Neto 52

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Feira Livre Rua Maciel Pinheiro 1920 22
Figura 02 Mercado publico Rua Maciel Pinheiro 1928 22
Figura 03 Panfleto da inauguração do Eldorado, 1937 37
Figura 04 Projeto de construção do Cassino, 1937 38
Figura 05 Estrutura do Cassino, 1937 38
Figura 06 Delimitação da área de estudo, 2012 46

LISTA DE SIGLAS

HIV Vírus da imunodeficiência humana – em inglês, human imunodeficiency vírus.

AIDS Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CIPMAC Centro Informativo de Prevenção e Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **14**

1. CONCEITOS PRIMORDIAIS DA GEOGRAFIA: ESPAÇO E TERRITÓRIO **16**

2. A FORMAÇÃO TERITORIAL DO MUNICIPIO DE CAMPINA GRANDE **21**

2.1 Feira Central: Patrimônio cultural, relações sócias e identidade de um povo 24

3. ESPACIALIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE SOBRE O CONTEXTO HISTORICO NA GRÉCIA, ITÁLIA, FRANÇA BRASIL **27**

3.1 Prostituição na Idade Média: De Mediadoras à corruptoras da moral 29

3.2 Brasil: Prostituição Feminina no Século XIX 32

4. A PROSTITUIÇÃO FEMININA EM CAMPINA GRANDE NA PARAÍBA: A FEIRA CENTRAL E SUAS MICROTERRITORIALIDADES **36**

4.1 As Práticas da Prostituição Feminina em Campina Grande no século XXI 42

4.2 A Dinâmica microterritorial na Feira Central: Suas relações coniventes a Prostituição Feminina em Campina Grande/PB 45

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS **55**

REFERÊNCIAS **57**

APÊNDICES

INTRODUÇÃO

A prostituição feminina são afirmações e contestações que pode se manifestar através de pessoas ou de grupos, em torno de valores e práticas capazes e ao mesmo tempo, atuar como mecanismos regulatórios de informações impregnados de figuras de linguagem que comunica mensagens de forma associadas a temas como poder, identidade e conflitos gerados pela sociedade. Apresenta forte potencial para perpetuar a antiga tradição, fazer parecer o antigo como o que é novo, vinculando-se à própria História da Civilização, tendo importante papel em determinadas épocas, prática essa vista como algo perturbador dos bons costumes moral da própria sociedade.

O presente trabalho tem como principal objeto de estudo analisar o Território da Prostituição Feminina na Feira Central da cidade de Campina Grande, na Paraíba, no que foi necessário delimitar a área, focalizando as particularidades das relações entre o comércio e a prostituição de cunho ilícito, na Feira. Nessa perspectiva, houve a necessidade de estabelecer recortes entre as décadas de 1930 à 1950 e 2012, mostrando durante esses períodos como a Feira Central se constituía e ainda se constituí um caráter comercial de grande valor sócio econômico e cultural para a cidade, onde se destacava o estruturado: "Cassino Eldorado" de repercussão regional e, que na atualidade encontra-se em ruínas. No entanto, a investigação torna-se pertinente na medida em que, no desenvolvimento da pesquisa será analisado a prostituição e como se dão as relações com os demais lugares, no mesmo espaço.

Nessa perspectiva permite discussões em torno do território marginalizado como preceitos investigativos às relações estabelecidas através do comércio lícito (de estabelecimentos) e ilícito (prostituição) o último considerado prática marginalizada, mais tolerada pela sociedade, em pleno século XXI. A Feira Central apresenta além dos vestígios deixados pelo "Eldorado", em plena atualidade, a significação das diferentes fases de uma multiterritorialidade, identidades culturais diversas e fatos históricos que remetem a importância historiográfica, que tivera e ainda tem para população campinense.

Foi necessário trazer à tona a história da prostituição feminina, através do procedimento metodológico de caráter investigativo e exploratório realizando-se a coleta de materiais através do contato com as prostitutas atuais da Feira Central, em Campina Grande, as quais foram realizadas entrevistas com donos de estabelecimentos e antigos moradores da Feira Central. A escolha pelo local não só evidencia o fato histórico, mas, também a possibilidade de encontros do passado e presente. O Eldorado focaliza a história do ser

humano em seu espaço praticado, o que detém microterritórios, contextualizando essa, mais outras pesquisas em seu entorno.

A partir desta compreensão surgem perguntas que orientaram o desenvolvimento da pesquisa, tais como: Quais os motivos da presença das profissionais do sexo na Feira Central, na cidade de Campina Grande e que implicações que esta permanência pode acarretar na própria dinâmica da Feira Central? Que tipos de conflitos poderão acontecer com a vivência dessas "prostitutas", em um local público e, que essa prática por mais antiga que seja, é considerada marginalizada? Poderá existir algum tipo de estratégia ou tática, para haver uma melhor convivência socioeconômica entre os grupos sociais (comerciantes e prostitutas) inseridos no mesmo espaço?

A pesquisa se divide em quatro partes: na primeira, são apresentadas breves notas bibliográficas sobre a natureza e os significados de conceitos primordial da Geografia: espaço, território e lugar, numa abrangência de poder e de relações sociais, no que promove conflitos no próprio espaço, associado à própria dinâmica da Feira; Na segunda parte, uma abordagem sobre o município de Campina Grande enfatizando a questão urbana.

Na terceira etapa é feita uma abordagem geográfica e histórica, em que foram discutidos temas sobre a prostituição feminina, que se evidenciam os contextos espaços-temporais em algumas regiões do mundo e no Brasil. Na quarta parte é focalizada Prostituição Feminina, junto à análise territorial da Feira Central, da cidade de Campina Grande, sendo nessa essência, as questões sobre as profissionais do sexo. Nesse contexto, focaliza-se o Cassino Eldorado auge da economia algodoeira e local de espetáculos, de jogos e de prostituição nas décadas de 1930 a 1950, e as demais construções (pensões) como parte do processo urbano dessa área. Em geral, investigar se os territórios antes utilizados para a prática do sexo foram desmanchados pela própria dinâmica da cidade ou se continuam ativos nos dias atuais, disputando o espaço com as práticas "comerciais" e a prática marginalizada da "prostituição feminina".

De maneira concisa, procurou-se introduzir uma estratégia de utilização da investigação para a Geografia tomando como fonte seus conhecimentos como recurso que permite a exploração de fenômenos passados e "in loco", contribuindo, assim para o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades e competências relacionadas ao fazer geográfico, contextualizando, assim, a interdisciplinaridade nas áreas a fins.

1. CONCEITOS ESSENCIAIS DA GEOGRAFIA: ESPAÇO E TERRITÓRIO

A análise geográfica nesse estudo está centrada em dois focos: “espaço e território”, ambos manifestam-se de diferentes maneiras. Por meio da necessária espacialidade que têm, implicando localizações fixas, dotados de longa e curta permanência, são poderosos meios de comunicar valores, crenças, utopias e afirmar poder daqueles que os construíram. No entanto, possuem um papel de fundamental importância na criação e permanência de determinadas paisagens urbanas, impregnando lugares de valores estéticos e simbólicos. É nessa perspectiva geográfica que os estudos selecionados serão realizados. A divisão desta parte não implica limites rígidos entre os tópicos.

A partir desse corpo disciplinar com base nos construtos a tratar a espacialidade da microterritorialidade da prostituição feminina, na Feira Central, conceituando o “espaço”. Defronta-se, porém, com estudiosos envolvidos que coagidos a estabelecer um diálogo com disciplina à sua área de formação, no que, diz respeito ao espaço, este a principio visto como sinônimo de território, como declara Hastshorne (1939, p. 395 *apud* CORRÊA 2008, p.1). O termo espaço é empregado no sentido de área que: “[...] é somente um quadro intelectual do fenômeno, um conceito abstrato que não existe em realidade [...] a área, em si própria, esta relacionada aos fenômenos dentro dela, somente naquilo que ela os contém em tais e tais localizações”.

Pode-se considerar que o espaço seria um conjunto de pontos que tem existência em si, sendo independente de qualquer coisa, empregado no sentido de área. No entanto, um dos objetos privilegiados da ciência geográfica, é o próprio espaço, porém, no que se refere a fundamentação teórico-metodológico, a partir de uma análise dessa categoria de apropriações espaciais que permite a construção e a permanência através das práticas culturais de grupos ou agregados sociais diversos para entender a sociedade, Santos (1985) considera o espaço como sendo uma instância da sociedade sendo formado a partir do molde na qual a sociedade gera, ou seja, as inter-relações construídas no espaço social que foi adquirida historicamente. Essas inter-relações seriam estruturais, culturais e institucionais.

No entanto, inicia-se a discussão com a diversidade sobre as instâncias que permeia a realidade entre outras a ser considerada como: a econômica com o próprio capitalismo, a ideológica inserida na própria religião. Como fora percebido o espaço é social, no entanto, vale enfatizar que o espaço preexiste independente dos fatores, das pessoas da sociedade, o “espaço social” será sim influenciado pelos acontecimentos históricos. Estando contido em

todos os demais espaços, sendo difícil o seu estudo por saber que ele é a morada do homem, o seu "lugar", ainda, Santos (2002) lembra que:

> [...] sua definição é árdua, porque a tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também o espaço social [...] se os lugares podem esquematicamente permanecer os mesmos, as situações mudam. A história atribui funções diferentes ao mesmo lugar. O lugar é um conjunto de objetos que tem autonomia de existência pelas coisas que o formam" (p.150).

Esse fato histórico pode-se fazer referencia ao próprio lugar caracterizado pela exclusividade relacional no agregado social que protege suas práticas culturais em lugares bem específicos como ocorre na Feira Central, na cidade de Campina Grande, na Paraíba. O espaço permanece o mesmo, no entanto, as situações seriam diferentes e essa importância poderá mudar a História e lhe atribuir novas funções. Essas características de multidimensionalidade e plurilocalidade do espaço oscilam e podem constituir, dessa forma, inúmeras configurações sociais e territoriais.

Pode-se considerar o espaço como sendo uma categoria universal e permanente que sendo admissível que haja a organização de sua conceituação na medida em que esse espaço está em um eterno processo de construção. Corrêa (2008) ressalta que: "Em realidade o espaço organizado pelo homem desempenha um papel na sociedade, condicionando-a, compartilhando do complexo de existência e reprodução social" (p.28). Já, na visão de Santos (1988), considera o espaço como fator que determina a questão da sociedade em movimento, esta é que desempenha a realização social (p.27).

Nesse sentido, focalizando a questão em destaque, explica-se a dificuldade em ter uma definição concreta, ao perceber a intensidade da natureza do espaço, tão aptos a se imbricar em todas as esferas da vida social, levando em consideração as tendências e ao processo de mudança histórica, uma vez que o espaço geográfico é também espaço social. Não seria errônea afirmar que, o próprio processo de produção do espaço acha-se intrinsicamente relacionado ao modo através do qual os homens produzem as condições materiais e culturais necessárias a sua existência. Desse modo cada espaço assume as características do modo e produção que lhe deu origem. Nessa perspectiva Corrêa (2008) enfatiza que:

> [...] uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade. Não há assim, por que falar em sociedade e espaço como se fossem coisas separadas que nós reuniríamos a posteriori, mas sim de formação sócio espacial (p.26).

Como se observou é imprescindível a separação das duas categorias espaço e sociedade, sendo a mesma indetermina-te, porém, Haesbaert (2010, p.158), considera o

mesmo, a totalidade, comprovando, que é a sociedade que lhe da vida, sendo algo em um eterno processo de construção. Santos (1985) em seus estudos afirma que:

> [...] o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua historia mais precisamente, da historia dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade [...] O espaço impõe sua própria realidade, por isso a sociedade não pode operar fora dele. Consequentemente, para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e específica as noções de forma, função e estrutura elementos fundamentais para nossa compressão da produção do espaço (p.49).

Para entender essa multiplicidade que se produz estudiosos fazem uma analogia, considerando que o espaço se reproduz por diferentes territórios, nesse sentido, nos diferentes processos de identificação e apropriação espacial são produzidas formas por contextos materiais à manutenção das relações sociais, e de poder em determinadas áreas, assim, produzindo e sendo produzidos são estabelecidos como território.

Raffestin (1993) estabelece como fundamento que: "Falar do território é fazer uma referencia implícita a noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém" (p.153). Dessa forma, o território pode ser considerado como, relações estabelecidas em determinado espaço, ainda, Raffestin (2009) em uma de suas abordagens defini espaço, a partir de um sistema composto por tessitura, nós e redes e, enfatiza a necessidade de não considerar espaço e território como sinônimos, pois, o território antecede o espaço, sendo essencial compreender bem que este é anterior ao território. Portanto, é nessa perspectiva que o resultado da modelação através de ações produzidas por atores intervencionista em qualquer nível consolidam a apropriação do espaço. Nesse caso, o espaço se transforma em território, que é ao mesmo tempo produzido e produtor dos processos de identificação, gerando sua manutenção. Raffestin (1993) destaca:

> É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa m qualquer nível), Ao se apropriar de um espaço concreto ou abstratamente (por exemplo, pela apresentação), o ator territorializa o espaço [...]. O espaço é a prisão original, o território é a prisão que os homens constroem para si [...] (p.143-144).

Desta forma, ao falar de territórios, é fazer referências às relações entre grupos em um determinado espaço, que serão tecidas a partir de um espaço-tempo através da própria sociedade, no entanto, os homens envolvidos constroem para si, reorganizando as condições iniciais, a uma pequena contradição no que diz respeito a estabelecer com disciplinas a sua área de formação e, relacionar nesse campo, a sociedade a uma prisão e condená-la a estar

"pressa" sem poder modificar sua estrutura e sua permanência, para melhor justificar, ainda Souza (2001) explicita que: "Territórios são construídos (e destruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica cíclica [...]" (p.81), neste meio, as relações com prisão que Raffestin associa não se enquadra as relações preexistentes.

É interessante ressaltar que o território no qual a pesquisa está envolvida ocorre aos arredores do antigo Cassino Eldorado, hoje em ruinas, tonando-se coerente tal indagação devido ao fato do estudo estar associado a uma questão histórica, pois o Cassino apesar de encontrar-se totalmente, em seus arredores ocasionou-se uma estigmatização da própria prostituição, ocorrendo de fato tal situação, mas relacionado principalmente aos acontecimentos de outrora.

Durante muito tempo o conceito de território ficou evidenciado apenas como poder e controle do Estado Nação, de acordo com Ribeira (2002): "[...] a terra seria um espaço concreto determinado pelo solo apropriado por um grupo e formado de sua identidade cultural, desta forma o solo seria a base para a tomada de poder e para a formação do Estado (p.18). Este conceito reaparece na Geografia critica, no entanto, passa a ser visto não mais como espaço próprio do Estado, mas sim como apropriação de diversos atores sociais. Santos (1999) declara que: "O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças e todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir da manifestação de sua existência (p.7). Nesse nível, então: Raffestin (1993) situa que: "[...] o território é considerado como sendo um produto "consumido" ou preferencialmente um produto vivenciado por aqueles mesmo personagens que sem haverem participado de usa elaboração utilizam como meio" (p.88). Essas diversidades de lugares influenciam fortemente no domínio social.

Para Silva (2002), territórios possuem três facetas distintas: a física, ou seja, o espaço territorial, a organizacional, definida como as regras e o controle (poder), e a existencial que pode ser entendida como identidade do território o que vai subentender limites mesmo que não sejam físicos, desta forma, podem ser entendidos como áreas, poder e fronteira. Falar de identidade é ser transportado no tempo é associá-la a uma formação que dependerá do espaço do território e do lugar. Hall (2005) ressalta que:

> As partes femininas do eu masculino por exemplo que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta [...] Assim em vez de falar de identidade com uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento [...] (p.39).

Pode-se observar que a diferença entre o interesse de grupos sociais no processo de apropriação do espaço é fator determinante para o surgimento de conflitos entre grupos. Portanto, ao longo do tempo-espaço da cidade de Campina Grande, no caso da Feira Central, em conformidade com a dinâmica da ação dos atores sociais do local e do externo, viabilizam a sua reconstrução e, que ao mesmo tempo articulam e fragmentam o espaço. Raffestin (1993) enfatiza que: "[...] a vida é tecida por relações e daí a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível incompatível com os recursos do sistema" (p. 160).

Neste microespaço, as profissionais do sexo, traduz o desejo de distinguir as suas representações, por trás das barreiras sociais, sob os artificiem necessários do trabalho, sob a ordem da representação social nos em tornos da Feira Central. Esse microterritório, em que a sociedade condenava e, ainda condena tais práticas, é um lugar que guarda vestígio da verdadeira História local considerado marginalizado, tornou-se um ambiente hostil ao mesmo tempo identificado por luxuria, prazer, economia e status, entre outros.

A Territorialidade, segundo Ribeira (2002): "[...] é identificada pelas práticas sociais, por um lado, são definidos por relações de poder através do controle, e, por outro, pela apropriação simbólica e afetiva de uma área geográfica por indivíduos e grupos [...], desta forma pode-se entender que a territorialidade seria a manifestação geográfica e cultural do território (p.124-125). Haesbarte (2004) na sua ótica justifica considerando a territorialidade como sendo uma: "[...] acepção genérica ou sentido lato, onde é visto como a simples "qualidade de ser território" e muitas vezes concebido em um sentido estrito com a dimensão simbólica do território" (p.73-74).

A temática nesse percurso histórico e geográfico se integra a questão sociedade, território e espaço, em uma prática social existente, sobre a prostituição feminina em nível mundial, enfocando lugares onde aparecem mais emblemáticas (Grécia, Roma e França, entre outros). No Brasil submete particularidades espaciais, no Rio de Janeiro, devido a sua importância socioeconômica e cultural e, por fim, a Feira Central, área da pesquisa, na cidade de Campina Grande. Essas abordagens têm atraído, especialmente, educadores profissionais em faculdades ou escolas, porque os conhecimentos são apropriados à prática crítica.

2. A FORMAÇÃO TERITORIAL DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE

A ciência geográfica é o campo do conhecimento que mais se apropriou da categoria "espaço e território" como categoria de análise. Nesse sentido, foi necessário estabelecer um recorte sobre o município de Campina Grande. O que, foi preciso percorrer a trajetória dos seus antecedentes e fundadores até os contornos que este campo de estudo assume na atualidade, nesse estudo, o objetivo é esboçar alguns traços de sua História e de sua Geografia. De forma sintética, também foi preciso apontar parte de sua estrutura urbana. Entretanto, sob uma perspectiva teórica e in loco, o que refletem em suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais que o compõem como cidade.

O município localiza-se no interior do Estado da Paraíba, no Agreste paraibano, na parte oriental do Planalto da Borborema. De acordo com o Censo do IBGE (2010) Campina Grande, possui: 385.213 habitantes com uma densidade demográfica de 594,18 hab./km². De acordo com alguns autores a sua origem, está relacionada ao Capitão Mor dos Sertões, Teodósio Oliveira Ledo como sendo o seu fundador, foi quem trouxe do Sertão os índios Ariás ou Uriás, fixando num local, em 1697, em que edificaram casebres de taipa incorporando a primeira forma de urbanização, todos na rua que hoje é conhecida como: Vila Nova da Rainha.

O aldeamento converte-se em povoado que em 1790 torna-se "vila". Através da Carta de Lei de 25 de março de 1824 de Dom Pedro I, a Vila ganhava a câmara Municipal, no entanto, sua independência só foi instituída em 11 de outubro de 1864, elevando a categoria de cidade. A urbanização foi gradativa impulsionada por um forte vínculo com suas atividades comerciais desde os primórdios até os dias atuais. A princípio o município tornou-se um lugar de descanso para tropeiros e boiadeiros, em seguida a área se constituía numa grande Feira de Gado o que a fez destaque em todo Nordeste, posteriormente, deu-se o seu desenvolvimento devido às atividades da pecuária e da cultura algodoeira chegando a ser a segunda maior produtora algodão do mundo.

Por conta da evolução, o município prosperou tornando-se uma região de grande influência e de rotas que ultrapassava a fronteira chegando até o Estado de Pernambuco. O seu povoamento vai ocorrendo através das Feiras: de mandioca e de Cereais. Em sua 1º fase, a população vivia praticamente da agricultura e da criação de gado. A principio os dias de Feira se realizavam aos domingos, em visita a cidade, o Bispo de Olinda/PE, D. João Perdigão, solicitou que houvesse a mudança para os sábados, não se sabe realmente o

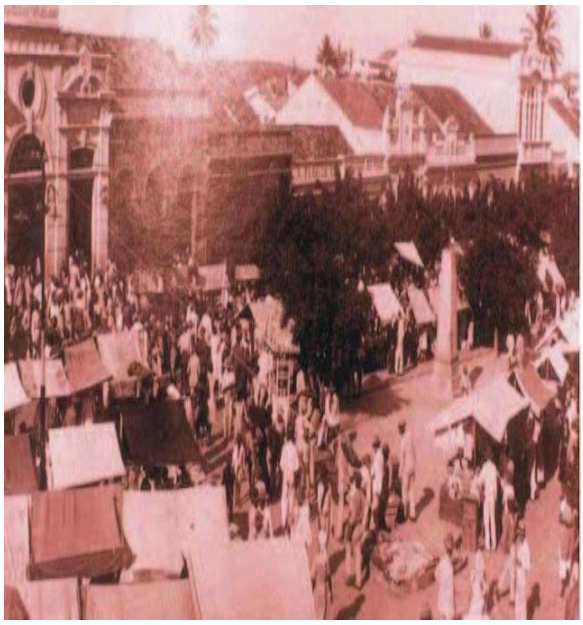
verdadeiro motivo, mas é preciso ressaltar que, por estar próxima a Igreja provavelmente influenciava inclusive nas cerimônias religiosas, os dias de feira era um acontecimento muito esperado pela cidade, como também pelos feirantes, comparado a um dia de lazer.

A localização da Feira era motivo para brigas politicas, os partidos que ganhasse estabeleciam onde a feira iria acontecer. Em 1925 foi construído o Mercado Publico municipal, o prédio detinha acesso pelas ruas Maciel Pinheiro e Barão do Abiaí. A Figura 01 e 02 denuncia a estrutura espacial da Feira, localizada numa das principiais ruas de Campina Grande, na época nos arredores do Açude Velho.

Figura 01: Feira livre- Rua Maciel Pinheiro-1920

Fonte: Retalhos de Campina Grande
Acesso – 09/2012

Figura 02: Mercado Público Rua Maciel Pinheiro 1928



Fonte: Retalhos de Campina Grande
Acesso – 09/2012

Sem dúvidas as mudanças urbanas significativas ocorrem durante os períodos de 1930 e 1945, preocupações com embelezamento e saneamento da cidade, além do crescimento populacional implicando no aumento de transportes, incomodando a elite, impondo desta forma uma organização das ruas. Essas organizações ocorriam em todo país. Segundo Sousa (2003):

> Praticamente todos as incipientes mudanças ocorridas nas cidades brasileiras, ainda no século XIX, eram caudatárias dos discursos e das novas questões levantadas na sociedade por higienistas e sanitaristas que leva a associa-las de imediato aos problemas de saúde e as constantes epidemias que aí ocorriam, mas também ao seu crescimento e as necessidades de adequá-las as exigências do capitalismo em expansão [...] (p.63).

No entanto sabe-se que essas questões de saneamento eram desculpas para a elite principalmente a campinense a se "rescindir" de eventos que não eram tolerados pela

sociedade, as Feiras ocorriam nas ruas principais das cidades e incorporavam sujeiras e transtornos intoleráveis a cada momento, no entanto, a organização das ruas de Campina passará a ter resultado negativo no seu modelo base e não se limitava a uma questão de transferência das feiras, mas também em tirar das principais ruas todo ou qualquer instrumento que não embelezasse a cidade, entre eles os meretrícios e uma boa parte da população que residiam em casa simples, uma operação extremamente cara a este campo. É obvio que a desculpa utilizada por sanitaristas e higienistas serão apenas uma forma de esconder a real situação, nas quais, estava surgindo um novo tipo de segregação espacial.

Nesta perspectiva, nota-se que esses fatos foram considerados como instrumentos de manipulação e controle da classe dirigente, demolindo casas que não condizem com a situação atual (a modernidade), produzindo, então, a segregação espacial, as favelas, por exemplo, se tornaram uma verdadeira epidemia nos grandes, médios e pequenos centos urbanos brasileiro. Em Campina Grande, não foi diferente no caso da área de estudo, a Feira Central, transferiram moradores que habitavam em verdadeiros "currais humanos", que não embelezavam a cidade para outro local.

No que se refere ao contexto historiográfico no seu "entorno" a política urbana, oferece uma nova estruturação urbanística levando em consideração as áreas que necessitavam ser urbanizadas. Alguns autores utilizam o termo desterritorialização, para casos como esse, no entanto, utilizar esse termo é o mesmo que classificar os territórios marginalizados (margem da sociedade) como territórios que deixaram de existir, que tiveram um fim, quando na verdade houve uma reconstrução dos mesmos, para completar essa afirmativa, Haesbaert (2010) enfatiza:

> O mito da desterritorialização é o mito dos que imaginam que o homem pode viver sem território, que a sociedade pode existir sem territorialidade, como se o movimento de destruição de território não fossem sempre de algum modo sua reconstrução em novas bases [...] (p.16).

Essa reconstrução será visualizada na própria Feira Central, os novos habitantes transferiram-se, levando sua identidade, suas historias, seu trabalho, modificando o local, deixando de ser um simples curral e tornando-se um espaço composto dos mais diversos lugares que vão desde os lícitos (comércio) aos ilícitos (cassinos, prostíbulo), os mesmos fizeram desse sua morada. Posteriormente será ressaltada a importância desses locais, e suas relações sociais e econômicas, o que faz da Feira Central um lugar indescritível que em momentos históricos marcou a cidade de Campina Grande, tornando-se um patrimônio cultural.

2.1 Feira Central: Patrimônio cultural, relações sócias e identidade de um povo

> "Aqui era um paraíso, muita alegria! Eu não troco o passado pelo presente de hoje". José Antônio Neto-66 anos morador da feira central-2012

Inicia-se o assunto em discussão, considerando a fala do Sr: José Antônio Neto um dos moradores mais antigos da Feira, em torno da importância que a mesma tivera não apenas para ele, mas para muitos outros moradores. Ele ressaltou com muito entusiasmo a felicidade de outrora, com saudade do passado da "Feira" e, que ainda hoje no imaginário dele, as suas lembranças continuam vivas. Houvera muitos lugares em Campina Grande nos quais poderiam se realizar a pesquisa sobre territórios marginalizados.

No entanto, o tipo de segregação no qual a Feira Central guarda em seu cerne, fica evidente a importância de destacá-la como objetivo principal de estudo e de analisá-la, como também identificar os elementos que envolviam e que ainda envolvem nas suas diferentes fases historiográficas. Sua importância não se acarretará apenas pela construção do Cassino Eldorado, mas pela sua multiculturalidade, que vão desde, as prostitutas, os agricultores, os comerciantes que fazem daquele lugar sua morada.

Anteriormente contextualizou-se que Campina Grande nas décadas de 1920 a 1930 passou por mudanças significativas, as feiras públicas, por exemplo, aconteciam em vários lugares da cidade, em destaque as ruas Beco Paulista, Beco 31 entre outros, trazendo incômodo para a população campinense, principalmente com a vinda de pessoas de outros locais, e com isso aumentavam o movimento, em dias do evento: as quartas e aos sábados. Por outro lado, a sujeira, os bêbados, as prostitutas, e a "promiscuidade", causavam "desconforto" a sociedade.

Desta forma e sobre pressão da população, o então prefeito da cidade Bento de Figueiredo, resolveu instalar, ou, melhor transferir o Mercado Público para uma área mais afastada do então Centro, onde se instalaria a atual "Feira Central" de Campina Grande. Nessa transferência sairiam todos aqueles que não embelezavam a cidade, prostitutas, pequenos comerciantes. A principio esse novo espaço recebeu o nome de Manchúria, ou bairro chinês, sendo associado a invasão nipônica ocorrida na região chinesa da Manchúria, segundo Souza (2006) essa comparação remete-se ao fato de que:

> A transferência dos cabarés para os currais foi simbolicamente associada àquela invasão, talvez porque assim compreendessem os moradores que naquelas proximidades viviam, quando da chegada, ou "invasão" da área pelas prostituas. Chegavam aquele lugar, que ate então concentravam-se boiadas e negociantes, raparigas mal- vestidas, marafona, gigolôs, boêmios, cafeínas, caftens, como

> invasores a ocupar e dividir o lugar com matagais, boiadas, cavalos. Burros, merda e mau cheiro (p.146).

O local onde houvera a transferência era um ambiente sujo, conhecido como "curral de gado", mas, o prefeito e a elite campinense não estavam preocupados, em relação a essas pessoas e onde iriam localizá-las, o importante era tira-las das ruas principais, embelezar a cidade era primordial. Em meados da década de 1930 todos os meretrícios que se encontravam na cidade foram transferidos para o seu novo lugar (habitat), as autoridades e higienistas livravam-se dos que segundo eles, não permitiam o processo de estruturação urbana da cidade.

Apesar do número exorbitante de prostitutas que foram transferidas para a Manchúria é importante ressaltar que na Feira, começara a surgir pensões, quitandas, quiosques, as casas de jogos, nos quais, muitas pessoas que por conta de baixos salários optavam em alugar quartos. Segundo o Sr. José Antônio Neto, declara que:

> Eu nasci e me criei e vou morrer aqui dentro, não tenho vergonha de dizer. A feira era um ambiente de mulheres da vida, mas saímos e voltávamos tranquilo, havia respeito e segurança. Aqui conviveu muita gente de bem, grandes nomes que hoje são famosos aqui no Brasil, mas que negam as origens. Morava muita gente, pessoas que trabalhavam ou não no Eldorado e nas pensões (28/09/2012).

Nesse âmbito perceptível, a memória citadina do Sr. José Neto está presente e é marcante e valoriza a realidade local. Para ele o importante é que suas atividades estão envolvidas efetivamente, o que é preciso é vivê-la, e constituir o momento vivo e natural em seu pensamento. Como lembra Santos (2007) ao anunciar aspectos da história do município campinense, quando argumenta que : "A história rural/urbana de Campina Grande coincide com as realidade vivenciadas pelo povo, pois, os fatos do passado reproduzem a paisagem peculiar, onde a história tem um papel de fundamental importância no que se refere aos aspectos socioeconômicos e cultural" (p.46).

As diversas formas de uso e apropriação do espaço podem ser observadas através das atividades do dia a dia desenvolvidas por pessoas que escolhem a sua maneira de estabelecer uma relação com o meio em que vive. O bairro da Manchúria era bastante popular, foi estigmatizado pelo fato de haver prostibulo e casas de jogos, coisas inadmissíveis na época, no entanto, habitavam famílias inteiras, que não frequentavam esses locais e de que algumas tinham vergonha de admitir de que viviam e tinham residências fixas naquela comunidade. Pode-se fazer uma comparação com os dias atuais, quando, por exemplo, o caso de pessoas que moram em favelas e são estereotipadas por conta do crescente trafico de drogas, nesse caso de tempo e de lugar, assimilando-se e sofrendo modificações como ocorria na

Manchúria, em Campina Grande, na Paraíba, os habitantes eram associados a práticas marginalizadas.

Assim, vale salientar que era um lugar sem nenhuma estrutura, porém, um local de diversão e de muita alegria. Isso se dá pelo fato, das inúmeras casas e salões de festa, estarem localizadas no microterritório da Feira, tais como: o Rancho Fundo, a Cova da Onça, a Pensão Moderna e a Pensão de Nina e como destaque o esplendoroso Cassino Eldorado, todos (as) proporcionavam diversas modalidades de danças, por exemplo, o samba. Ainda, de acordo com o senhor José Neto, e de que tudo é guardado em sua memória e de como aconteciam, ele argumenta que:

> Tocava nesses bailes, o querido Jackson do Pandeiro. Vinha gente de todo lugar, de longe de perto, e infelizmente não temos como provar devido as faltas de informação e que não existe nenhuma documento sobre as festas luxuosas das pensões: Moderna, do Rancho Fundo, da Cova da Onça, e a de Nina nem do Cassino Eldorado, que sem duvidas tenha como afirmar isso tudo e, que marcou definitivamente a vida de todo nos campinense na época, e particularmente aos que residiam na Manchúria (29/09/2012).

Haja vista que o senhor José Antônio Neto habitava a antiga comunidade, hoje, atual Feira Central. Ele guarda em suas lembranças de como surgiram e de como eram organizadas as luxuosas festas por pessoas envolvidas e das personagens que contribuiriam e que congregavam nos eventos para despertar o gosto dos ilustres frequentadores do lugar. Sem dúvidas eram lugares de extremo luxo, com bebidas sofisticadas, mulheres bem vestidas, glamour e beleza.

3. A ESPACIALIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO NA GRÉCIA, ITÁLIA, FRANÇA E NO BRASIL.

> **"Os Homens fazem a historia, mas apenas sob as condições que lhes são dadas" Paul Claval.**

Provedora de uma prática sexual, promiscuidade, profissão, esse e outros termos são relacionados à prostituição feminina, prática não legalizada e considerada a mais antiga do mundo, condenada pela Igreja e pela sociedade, mais nunca extinta, incorpora um mal, no que diz respeito aos bons costumes, no entanto sempre tolerada. Essas contradições, talvez façam com que se tenha a necessidade de estudá-la e contextualizá-la, seja, na questão social, no econômico, no cultural e no geográfico, onde será percebida no contexto da própria organização espacial nos Grandes, Médios e Pequenos Centros Urbanos, além de um palco de discussões, entre intelectuais, médicos e juristas.

A palavra profissão é entendida como uma prática social reiterada e lucrativa desempenhada pelo ser humano como meio de subsistência, então, porque a prostituição feminina, não estar vinculada como um meio de subsistência e, não é considerada uma profissão? Essa diversidade e mistura de expressões culturais causam a forma de relações sociais movidas pela complexidade da sociedade.

Em todo esse processo histórico sobre a prostituição feminina, a mulher sempre foi considerada um ser "frágil", servindo apenas para a procriação, para cuidar da casa e do cônjuge. Sentir orgasmo em suas relações sexuais, seria um ato proibido e mal visto, vender seu corpo e sentir prazer, então, era considerado como uma moléstia e chegava ser banida da sociedade. Estas características repletas de significações não deixam de ser uma representação. De modo geral, elas permanecem presas no que viciam sempre entre a manifestação e a camuflagem porque atrai tudo aquilo que desvela a transgressão por favorecer a exploração do próprio corpo. Nos dias atuais alguns atos sexuais desencadeiam preconceito em relação ao sexo feminino. Estudos afirmam que tais problemáticas de gênero estariam associados a questão cultural. Segundo Barreto (2009):

> [...] Gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia dos seus corpos. Por exemplo, o fato de as mulheres em razão de reprodução, serem tidas como símbolo de sua fragilidade ou de sujeição à ordem natural, que as destinaria sempre a maternidade (p.39).

Na Grécia e em Roma o sexo feminino era visto apenas como um ser que tinha função de procriar os cidadãos atenienses, de cuidar dos afazeres domésticos, criando-se um

lar para os cidadãos romanos. Prazer, educação, cultura isso ficava restrita apenas aos filósofos, homens e as "prostitutas". Percebe-se que a cultura grega obedecia ao fator patriarcal, onde o homem era detentor do "saber".

A prostituição feminina vivenciada em épocas remotas como o caso da Grécia e Roma. Na Grécia as relações pagas com mulheres ou com homens não eram condenadas, pelo contrário era organizada pelo Estado. Conhecidas como Pornai (mulheres à venda) ou Hetaira (cortesã) variavam de beleza e talento artístico (dançarinas, flautista entre outros) satisfaziam os desejos dos clientes e animava os simpósios reuniões e jantares.

Onelley (2011) sintetiza o próprio termo pornai ao enfatizar que: "[...] tornou-se famosa a definição para essas mulheres [...] como é feito, nos termos as Hetairas para o prazer, as concubinas para o cuidado diário do corpo e as esposas para gerar filhos legítimos e ter uma fiel guardiã de nossas casas" (p.15). As Hetairas, prostitutas e concubinas eram requisitadas para a vida social, fazendo companhia, participando socialmente com políticos, filósofos, artistas e intelectuais de Atenas, contribuindo com beleza, elegância e brilho. É interessante ressaltar que segundo pesquisas a prostituição era considerada legal tratada como profissão.

No dicionário grego existiam duas formas de classificar as prostituas femininas que era Pornai e Hetairas, no entanto, hetaira mantinha uma postura mais fina e elegante. Ainda segundo Onelley (2011): "A Hetaira não era identificada como uma simples prostituta, mas como uma mulher de amores livres. Tinha uma vida muito mais independente do que a da esposa legitima e podia ser objeto de prestigio" (p.21). Muitas desenvolviam uma personalidade atraente que marcaram a história da Grécia e de Atenas, uma delas foi Neera, o que cabe destacar um do mais famoso discurso chamado: "Contra Neera".

Consideradas como mediadoras para os jovens cidadãos, vestiam-se bem e andavam maquiadas e cobertas de joias, além de belas tinha bons modos e uma diversidade cultural que permitia participar de reuniões com homem importante da sociedade. Algumas circulavam pelas ruas com intuito de conseguir fregueses e outras eram submetidas sob o controle da cafetina. Onelley focaliza essas relações com as cortesãs, no momento em que os homens passaram a procurá-las não só com a intenção de terem um encontro físico, mas como um completo necessário e emocional, como forma de preencher lacunas que a esposa legitima habitualmente não preenchia. Estas particularidades em todas as situações possuía viabilidade com efetiva presença em varias épocas inclusive na atual.

É interessante ressaltar que diante pesquisas as Prostitutas eram bem vistas na sociedade grega, tê-las em um ambiente representava status de poder, elegância e uma vida

social ativa, essa legitimação na soberania era assumida por uma sociedade sem pudor. Os bordeis era de conhecimento e aceito por todos, inclusive dentro de tantos, havia popular bordel o de "Pompéia", localizado perto do centro da cidade. Sob esses aspectos, situa-se:

> A mobília no interior dos minúsculos cubículos se resumia a uma base de alvenaria, sobre a qual eram empilhadas almafador. Esses cômodos que mais pareciam celas de prisão eram mal iluminados por uma abertura feita na parede e a intimidade era preservada por uma simples cortina [...] (SALES, S.D, V.VII, p.34).

Em Roma essas mulheres eram conhecidas como "lobas" e, que ao longo da história se destacavam na iniciação da vida sexual dos jovens cidadãos da elite romana, na época. As mesmas iniciavam suas atividades sexuais muito cedo, largadas quando crianças ou criadas por piratas, logo se tornavam escravas dessa prática sem nenhum direito de garantia jurídica, sua única esperança, a liberdade, e quando conseguiam não abandonam a multiface da vida prostituída e nesse processo não sociável se transforma em cafetina (leno ou Lena popularmente conhecido em Roma). Segundo Rossiaud (1991):

> No século XV da Borgonha à Provença a prostituição oficial ou tolerada por todos os poderes aparece, portanto como um produto natural das estruturas demográficas de uma ordem e de uma moral. Exerce uma função mediadora, e tanto o bordel como os abbayes são consideradas instituições de paz entre os grupos etários e os grupos sociais [...] (p.53).

A dominância especifica dessas relações sociais explica em si, a face desse equacionamento concreto, se localiza, articula-se e unifica fatores e ainda associa à dinâmica local a estímulos exteriores, pelo fato de lugares através de pessoas se relacionam a diferente singularidade das espacializações. Isso fornece conteúdo próprio à perspectiva assumida de uma totalidade, a uma análise geográfica.

3.1 Prostituição na Idade Média: De mediadoras à corruptoras da moral

A historiografia da Idade Média foi buscar entendimentos nas investigações das relações, entre a história vivida das mulheres prostitutas nas comunidades (das gerações humanas), para descrever, pensar e explicar a sua evolução, ou seja, o que sobreviveu produzido no passado (tempo-espaço), realizado por pessoas, por grupos e pelas sociedades. Nesse sentido, por mais que a Igreja fosse contrária ao o ato sexual, não teria poder suficiente para proibi-la, pois, ao mesmo tempo em que condenava sabia que, era frequente o estupro e as práticas censuradas por ela como a Sodomia (penetração anal) e a masturbação, desta forma a solução mais cabível foi legalizar os "bordeis". Na França, por exemplo, todos eram controlados pelo Estado tornando-se algo comum.

Em meados do século XIII as meretrizes foram excluídas dos lugares de tolerância e passaram a ser considerada uma contaminação (doença) para a sociedade, confundidas com os leprosos, as próprias foram proibidas de manter contato com quaisquer pessoas. É interessante ressaltar que havia várias formas de identificá-las, como por exemplo, não usavam os mesmos trajes das "moças" da elite, um deles era o véu que, segundo Rossiaud (1991):

> [...] é preciso poder reconhecê-la para afastar-se rapidamente dela. Por isso lhe é imposto uma longa marca, exterior, bem visível [...], a partir de então ela deve usar uma agulheta de cor viva, caindo do ombro, em sinal de infâmia- mais tarde essa agulheta terá uma segunda função, similar a pequenas rodas dos judeus e a matraca dos leprosos (p.61).

De fato, houve um aumento significativo da prostituição feminina nas ruas de Londres e Paris e com isso uma profunda preocupação por parte da burguesia. Estas cidades estavam passando por transformações e pleiteava realizar reformas políticas, sociais, industriais e culturais e que nestes locais a realidade social era outra, a prática do sexo estava presente e que não se adequava na nova estrutura política e social. Segundo pesquisas, cria-se uma Lei regulamentar que teve início em Paris, onde ocorria a visitação domiciliar por médicos nas casas de tolerância, em 1802 instala-se um tipo de consultório onde as prostitutas eram obrigadas a comparecer sempre.

Em meados de 1829 as meretrizes foram proibidas de se exporem, observa-se então, o grande equívoco diante do fato que formalizavam as proibições, afastando-as mas nunca abolindo seus serviços. Segundo Adler (1991) houve a criação de algumas leis que proibiam a sua presença nas ruas, alguns artigos estipulavam que as mulheres públicas só poderiam exercer a prostituição nas casas de tolerância. Desta forma, fica evidente que tal ação acaba não as inibindo, pelo contrario aumentava a procura e promovia o próprio comércio. Neste sentido os comerciantes cobravam do parlamento uma nova ordem, que permitissem o retorno dessas mulheres aos antigos lugares de prazeres e luxurias.

Nessa perspectiva, a lei tinha como finalidade cadastrar as prostitutas que por sua vez tinham a obrigação de se apresentar constantemente ao médico da polícia para uma inspeção vaginal, caso fosse detectado algum tipo de doença venérea de imediato eram confinadas para um tratamento no hospital prisão São Lazaro, lugar de péssimas condições de higiene e, qualificado com um local de violência, onde eram espancadas para se arrependerem e "mudar de vida". A sociedade não aceitava a postura das meretrizes, de comercializar o

corpo e sentir prazer, essa conceituação é de postura cultural, em que a mulher deveria constituir uma vida própria, com o casamento e filhos. Segundo Barreto (2009):

> [...] ter um corpo feminino não significa que o melhor desejo realizar-se como mãe. Corpos designados como masculinos podem expressar gestos lidos como feminismo em determinados contexto sociais, e podem também ter contato sexuais com outros corpos sinalizando uma sexualidade que contaria a expectativa dominante de que o "normal" é o encontro sexual entre o homem e mulher (p.42).

Essa lei não apenas se limitou a construir valores sociais, mas, em alguns lugares essas protagonistas do sexo foram privadas dos direitos de cidadã de andar pelas ruas, restringindo liberdade. Na visão de Nascimento (2008): "As mulheres eram proibidas de andar juntas, perambular pelas ruas, formar grupos, tomar conta das calçadas, abordarem os transeuntes, provocar escândalos com palavreados e roupas indecentes" (p.32). Para a sociedade, não havia justificativa para essas mulheres exercerem a profissão.

De acordo com Adler (1991) os moralistas consideravam as prostitutas como criança que jamais alcançaria a maturidade, por outro lado, argumenta que: "Ela aparece como um esboço de mulher, uma mulher não concluída. A criança, o louco, o selvagem! Dessas três figuras ela retém as principais características: A imaturidade da infância, a instabilidade da loucura a despreocupação do selvagem" (p.80). Percebe-se que nessas indagações a justificativa plausível para a execução dessa profissão seria de loucura e de infantilidade, mas nunca por satisfação e vontade, ou seja, que estão imersas nessa miscelânea cultural ou que concretizam e persegue a mulher ao longo dos séculos. Beauvoir (1967) na sua perspectiva ressalta que:

> [...] desde as civilizações primitivas ate o nossos dias sempre se admitiu que a cama era para a mulher um "serviço" que o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe manutenção [...] não há nessa relação nenhuma reciprocidade. A estrutura do casamento a existência de prostitutas são provas disso (p.112).

Fica evidente que a cultura influenciou e influencia a não aceitação desse tipo de profissão. Para os filósofos, cientistas, médicos e para a sociedade era inadmissível tal "perversidade", preferindo justificar o ato como uma anomalia, Adler (1991) afirma que: "Para eles, a prostituta é em relação à mulher, o que o criminoso é em relação ao homem. Portanto, eles mediram e recortaram seu corpo para descobrir anomalias e acabaram encontrando-as [...] (p.82). É claro, que não existiam anomalias, mas era necessário uma explicação, ou uma inversão dos fatos, o próprio autor conclui sua análise utilizando o termo "idiotice."

A lei foi extinta em 1883, pelos abolicionistas, liderados por feminista. As mesmas alegavam e respondem aos opositores dizendo que há uma incompatibilidade social e que

essas mulheres eram vítimas da opressão do Estado e da devassidão do homem. Mesmo porque elas estão também relacionadas com as maneiras de atuar na vida social e, que faz parte das relações sociais de um país. A sociedade burguesa não aceitava a prostituição como profissão, no entanto muita dessas mulheres não era forçada, elas faziam por vontade própria, o mais conveniente era considerá-las como vitimas. Pode-se dizer que a vitimização a essa vida não sociável (a prostituição) nasce nesse período e torna-se um estigma permanecendo vivo até os dias atuais.

Para dar continuidade às discussões, é necessário remeter-se a conceituação de Gênero, para o ramo das ciências sociais, o mesmo vincula-se não apenas a questão anatômica, mas a questão cultural. Segundo Beauvoir (1967):

> O destino anatômico do homem é, pois, ´profundamente, diferente do da mulher. Não o é menos a situação moral e social. A civilização patriarcal votou a mulher à eastidade: reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher confinada ao casamento [...] (p.112).

Diante do exposto fica claro o papel da mulher prostituta, em que a sociedade por esse motivo passa a não considerá-la e a isola-la, da mesma maneira também não aceita e é mal vista pela Igreja Católica. Por mais que, essas concepções de vida social, não consegue eliminar esses preconceitos e perseguições de que elas são vítimas de grupos e categorias de pessoas, elas resistem, porém, vitimá-las tornou-se a melhor solução. No entanto vale lembrar que o próprio movimento feminista será enraizado nesse período, Hall (2005) enfatiza que: "[...] aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição sexual das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais de gênero" (p.46).

Mesmo discordando da vitimização, ela tem permitido identificar, por exemplo, a sua narrativa como forma básica de organização, sempre vinculada ao contexto social. Elas foram e será a chave para observar a fase no momento em que o mundo se opusera a questão sexual, não mais como forma de gênero, mas, como forma de identificação, no tempo e no espaço, através de memórias de identidades individuais e coletivas.

3.2. Brasil: Prostituição Feminina no Século XIX

O tema proposto sugere uma viagem reflexiva pela história do Brasil e do povo brasileiro, delimitando como área de estudo a cidade do Rio de Janeiro, passando a limpo, os fatos que deram unidade a sua historiografia por ser palco de importantes acontecimentos e mais precisamente por nela está inserido a "prostituição", não esquecendo que em outras

localidades continuam sendo um ato de consumo comum e permanente da sociedade. Está vivenciada no período colonial (de 1830 á 1840), e denunciada por cronistas e autoridades, no entanto, não existem detalhes da vinda dessa prática, porém, não há documentos que disponibilizem tais informações.

Nesse contexto, é necessário enfatizar que houve uma necessidade de importar "mulheres" para estabilizar a situação do homem na sociedade, isso pelo fato do numero de casos de pederastia e sodomia que se alastrava totalmente contra os princípios da igreja e da sociedade**.** Segundo Mattos (2002): "[...] o Barão de Moreira Cônsul lusitano preocupado com os casos de pederastia e sodomia passivas entre seus conterrâneos, promulgou um ato oficial visando à importação de meretrizes oriundas da Península Ibérica" (p.60). Essas mulheres se concentravam nas ruas do Rio de Janeiro (Rua do Sabão, da Alfândega e do Senhor dos Passos) além de bordeis e casa de jogos. No entanto, há um caso que deve ser citado, os lugares que funcionavam como "colégios", em casas ou sobrados os chamados conventilhos administrados por uma mulher mais velha que exercia o papel de "instrutora" para as mulheres do sexo.

Nesta época, a presente figura dos cafetões eram articuladores para conseguir mulheres e transformá-las em escravas do sexo. Traficavam e casava-se com elas driblando desta forma a vigilância dos órgãos responsáveis e a proteção das famílias nos países de origem. Muitas dessas mulheres vindas da Polônia, Hungria, Romênia que ficaram popularmente conhecidas como "Polacas". Estes articuladores apoiados pela lei gozavam de plenos poderes e, por obrigação elas lhes deviam a obediência, submetidas a castigos como fome, cárcere privado e ao se prostituírem, eram levadas aos locais que funcionavam como "colégios", onde elas iniciavam a nova profissão de prostitutas, em seguida, jogadas nas ruas do Rio de Janeiro. Deve ficar claro que esses são caso isolado do passado e até do presente, mas, não tratando de levantar a questão sobre tráfico de mulheres, no território brasileiro.

Percebe-se então, que houve oscilações em aceitar ou não esse tipo de profissão em outros países, não foi diferente no Brasil, segundo Soares (1992): "[...] enquanto fato natural, a prostituição era relacionada pelos médicos à possibilidade de realização do instinto sexual (p.16)". Sendo uma justificativa plausível para os homens procura-las, Chauí (1984) particulariza que durante um longo período da História o sexo referia-se exclusivamente a mulher, estas não tinham um sexo, eram o sexo, sendo o mal e ao mesmo tempo a busca desfreada do prazer, sendo necessária punir e vigiar de todas as maneiras (p.27).

Essa punição estaria relacionada à forma preconceituosa de ver a prostituição como sendo necessária uma regulamentação, que nada mais é que os próprios bordeis que serão

construídos para acautelar-se, no entanto, o mesmo tornaram-se preocupação constantes das autoridades, havendo um crescimento vertiginoso. Soares (1992) relata que: "Explicitamente, desde os anos de 1840, a comunidade médica da Corte falava da criação do bordel, mas do bordel com uma instituição higienização que regulariza e imitaria a prostituição ao espaço social e aos padrões estabelecidos pela moral dominante" (p.102).

No entanto, houve um crescimento desenfreado desses bordeis e a regulamentação era quase que impossível, segundo pesquisas havia só na cidade do Rio de janeiro mais de 880 meretrizes. Esse crescimento é notório principalmente em meados do século XVIII, por vários motivos que marcam a História do Brasil, dentre eles a urbanização, o desenvolvimento econômico proveniente principalmente pelo café e a própria abolição da escravatura, que levam muitas mulheres a abandonar os seus senhores e optar pela prostituição. Mais uma vez vista como medida apelativa para a situação socioeconômica vivenciada na época, no entanto, não se justificativa para o ato como afirmavam as feministas.

As casas públicas ou casa de tolerância, como a própria expressão denúncia, locais em que se realizavam bailes (festas), tal qual negada a sua proliferação e a aceitação no meio social, o que gera a distinção entre essas condições, no entanto, contestadas pela sociedade, se localizavam nas periferias dos Centros Urbanos. Cabe à Geografia, entender os procedimentos de espacialização urbana pública que se diversifica por diferentes processos de interação social. Essa análise remete à necessidade de compreender a produção de microterritorializações referentes às diversas práticas culturais compartilhadas.

Outra questão é que, mulheres que não exerciam o meretrício, mas eram consideradas meretriz, apenas pelo fato de não estarem identificadas, conforme normas estabelecidas, por exemplo, as mulheres divorciadas, são importantes enfatizar que ficaram conhecidas pela sociedade como "amancebadas". Essa visão destaca a importância do matrimonio para a sociedade, associado ao processo cultural. Barreto (2009) denuncia à diferenciação entre sexualidade e gênero, como sendo dimensões diferenciadas e que integram a identidade, afirmando que: "[...] ambos surgem, são afetados e se transformam conforme valores sociais vigentes em uma dada época. São partes assim da cultura, construídos em determinados períodos históricos. Ajudando a organizar a vida individual e coletiva das pessoas" (p.46).

Desta forma a cultura torna-se pressuposto para a construção do gênero e a simbolização das atividades masculinas e femininas. Soares (1992) afirma que a questão de

gênero prevalece, sendo o homem o papel de sexo forte e ativo enquanto a mulher sexo frágil e um papel sexualmente passivo, por esse motivo a prostituição contrapõe-se a toda e qualquer normalização, pois ela tona-se não mais um sexo passivo, sendo dona do seu corpo e podendo utiliza-lo da forma que melhor lhe convir.

Contraditoriamente, os juristas e médicos consideram a questão da prostituição um mal necessário para estabelecer a manutenção da família, no entanto, a mesma deve ser afastada do convívio social, por ser uma conduta errônea, desta forma como classifica-las? Essas mulheres serão meros objetos? Mas que objetos são esses que torna importante para os prazeres da carne? O fato é que, diante de tantos discursos, a prostituição torna-se um fato social natural, sendo impossível removê-lo do convívio social, tendo-se que tolerá-lo.

No entanto, é um tipo de segregação espacial urbana que reside na dinâmica das demais regiões do Brasil, um ato de isolar e separar as pessoas de outras, neste caso seria as profissionais do sexo que não se enquadram nas normas estabelecidas pela sociedade. Damiani (2007) enfatiza que: "[...] o embate e a combinação que definem cada um. Outro é o da particularização, aquilo que separa esse lugar do outro: A segregação" (p.170), essa particularização será identificada nos territórios que eram afastados da cidade.

Nesse sentido, dizer por sua vez, que identifica e diferencia cada lugar, isto significa que além de serem interdependente são atos de criação de uma identidade como "fatos da vida". Na origem estaria a diferença compreendida e associada com uma política da representação, apoiando as formas vividas de cada grupo sociais transmutando uma importante economia na época para os comerciantes e donos de estabelecimentos, que o utilizaram a prática da prostituição, tanto no Rio de Janeiro como em Campina Grande foco da pesquisa.

4. A PROSTITUIÇÃO FEMININA EM CAMPINA GRANDE, NA PARAÍBA: A FEIRA CENTRAL E SUAS MICROTERRITORIALIDADES.

Nesta abordagem analisa-se a presença das prostitutas no microterritório da Feira Central de Campina Grande, no qual houve um acréscimo na década de 1930, no entanto vale ressaltar que as mesmas já existiam anteriormente. Alguns letrados e jornalistas campinense afirmam que as prostitutas vieram junto com a modernidade com a chegada do trem, junto ao processo urbano associado à própria questão da industrialização da cidade. Nascimento (2008) ressalta que:

> Com a chegada do trem de ferro em 1907 e com ele alguns melhoramentos, equipamentos para as elites que a cidade "crescia" e se modernizava e inevitavelmente os alienígenas comerciantes de outras cidades, estados e até países que se estabeleceram; e é claro junto com o tão propalado progresso, vieram muitas mulheres que ao prazer ou desgosto de alguns, comercializavam seu próprio corpo [...] (p.91).

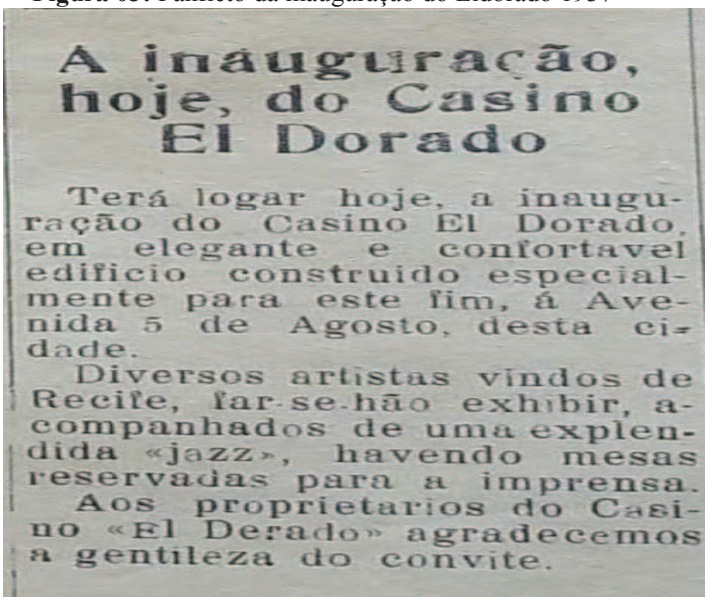
Os territórios marginalizados formam-se a partir do momento em que a sociedade observa os modos de viver o espaço num aumento gradativo. Esses territórios eram observados nas principais ruas de Campina Grande, Venâncio Neiva, Major Juvino do Ó e a Rua Grande ou Emboca (hoje Peregrino de Carvalho). Estas duas últimas eram bem frequentadas pela elite campinense e pelas meretrizes, isso incomodava a sociedade, pois, as prostitutas viviam a exibir seu corpo nestes lugares o que causava constrangimento à elite campinense. Desta forma cobra-se um posicionamento do governo do município para que houvesse a transferência dos prostibulo e prostitutas para outro local, utilizando-se de argumentos como a preservação da moral e dos bons costumes, era inconcebível a circulação destas mulheres nas principais ruas da cidade.

As meretrizes foram transferidas para a região conhecida popularmente como "Currais" (hoje Feira Central) onde funcionava a feira de gado em meados da década de 1930, entretanto, ficaram conhecidos como bairro da Manchúria ou bairro Chinês (hoje, Vila Nova da Rainha) compartimentando os melhores cabarés da cidade. Ao se transferir para o Bairro Chinês, as prostitutas se depararam com um local sujo, com mau cheiro entre outros, o espaço era dividido com cavalos, boiadas de gados e matagais, no entanto isso não serviu de empecilho para o desenvolvimento de suas atividades, fizeram deste local sua nova morada que incluía a movimentação nos cafés, bares, pensões. Os dias mais movimentados eram as quartas e sábados os "dias de feira" em que os fazendeiros e feirantes comercializavam seus produtos e à noite desfrutavam dos prazeres que as damas do sexo lhes ofertavam.

Estas vertentes são representadas, com destaque para os aspectos típicos de cada local onde se realiza diversas práticas, inclusive a sexual, em diferentes momentos e em determinados lugares. Nesse contexto, a modernização dava nova vida a cidade, através dos próprios critérios, onde o estilo oportuniza a elite à usufruir o moderno. Por outro lado a sociedade campinense na época, ao encarar a metáfora da cidade não aceitavam a presença de mulheres que proporcionassem prazeres através do sexo, socialmente estabeleciam normas para que se possa privá-las de atos públicos (missas), tão pouco utilizassem os mesmos espaços.

Em 1º de julho de 1937 foi inaugurado o Cassino Eldorado com significados que extrapolaram as fronteiras do município, enriquecendo as noites campinenses com luxo, glamour, boa música e a presença da própria elite que frequentavam o Cassino. Localizado na Rua Manuel Pereira de Araújo (antiga rua 5 de agosto) situado em plena Feira Central, foi ponto de encontro da Oligarquia Algodoeira. A figura 03 comprova o anuncio da inauguração do Cassino e as Figuras 04 e 05 mostram o projeto arquitetônico do Eldorado.

Figura 03: Panfleto da inauguração do Eldorado 1937



A inauguração, hoje, do Casino El Dorado

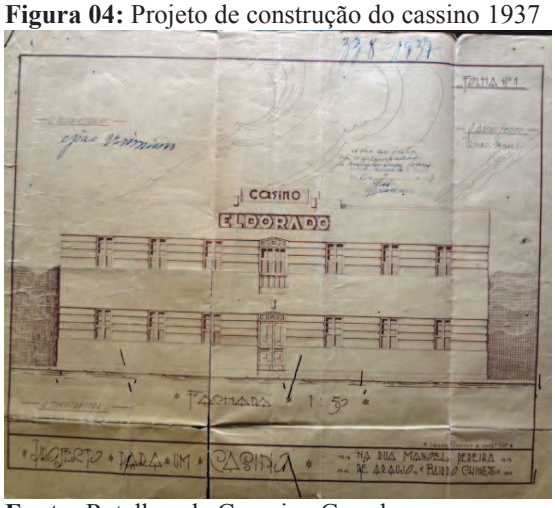
Terá logar hoje, a inauguração do Casino El Dorado, em elegante e confortavel edificio construido especialmente para este fim, á Avenida 5 de Agosto, desta cidade.

Diversos artistas vindos de Recife, far-se-hão exhibir, acompanhados de uma explendida «jazz», havendo mesas reservadas para a imprensa.

Aos proprietarios do Casino «El Derado» agradecemos a gentileza do convite.

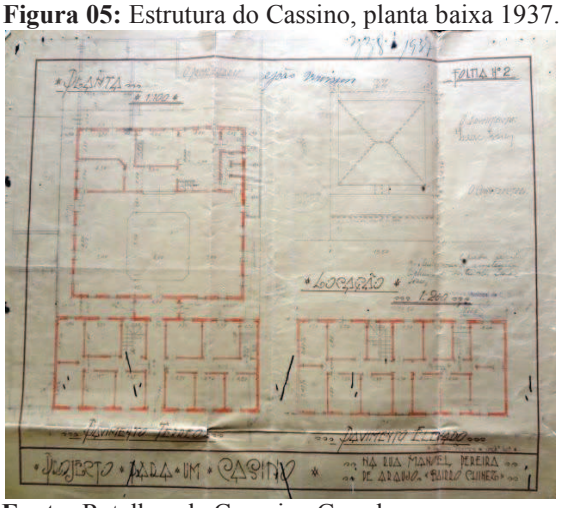
Fonte: Retalhos de Campina Grande. Acesso, 09/2012

Figura 04: Projeto de construção do cassino 1937



Fonte: Retalhos de Campina Grande. Acesso, 09/2012

Figura 05: Estrutura do Cassino, planta baixa 1937.



Fonte: Retalhos de Campina Grande. Acesso, 09/2012.

Diante das figuras, fica evidenciado que se tratava de uma obra de grande estrutura, em suas dependências encontravam-se vinte quartos com toda estrutura básica, a sua formação interna no que diz respeito à distribuição em diversos lugares compõem as seguintes ligações: dez quartos no piso superior e dez quartos no térreo, com salão onde se realizavam shows artísticos e culturais, com apresentações especiais de cantores e dançarinas.

Os primeiros proprietários foram João Veríssimo e Carminha Vilar, e segundo relatos, ambos tinham a pretensão de criar um ambiente esplêndido, com diversão garantida, através de jogos, belas mulheres, boa música e bebidas sofisticadas, o que acabou acontecendo. Sua inauguração foi marcada pela apresentação de convidados internacionais como os artistas russos Trotski andy Mary. O cassino empreendia a vida noturna campinense das 19:00 às 04:00 horas, tendo como auge 1937 à 1941, muitos artistas se apresentaram neste lugar, cantores, entre eles Jackson do Pandeiro, atrizes e atores, dançarinas e dançarinos nacionais e até de fora do pais. A orquestra de músicos embalavam as noites. Panfletos e cartazes anunciavam as atrações chamando atenção da população local e até de outras regiões e capitais. Segundo Dinoá (1993):

> Para aqueles que conhecem a história de Campina Grande, é fácil constatar a enorme importância econômica, social, política e cultural que o algodão trouxe para esta cidade. Sua importância foi tamanha que Campina chegou a ter o maior e mais importante cabaré do Nordeste, o celebre "Cassino Eldorado" fruto direto do comercio expansionista algodoeiro. Na realidade, Campina Grande surgi e cresceu em função do comercio e as relações socioeconômicas que giravam em torno do algodão (p.29).

De acordo com o contexto fica claro a importância da cultura do algodão e do Cassino Eldorado que tiveram admirável papel no processo de desenvolvimento sócio econômico

para Campina Grande, demostrando que os mesmos fizeram parte do processo de modernização da cidade. Consolidando este processo, o Cassino Eldorado, local, onde homens e mulheres acompanhados de ícones, cheios de lembranças e historias que marcaram suas vidas. Sem dúvidas extraordinário lugar com uma estrutura sofisticada, na sua organização interna existia salão de jogos compostos por quarenta mesas com quatros cadeiras, roletas, mesas de pockeer entre outros atrativos onde alguns fazendeiros perderam fortunas. Infelizmente não há registros que possam justificar essa afirmativa, no entanto nos dias atuais, encontra-se em ruinas, conforme as fotos 01, 02 e 03, pode-se notar que era um prédio de grande estrutura.

Foto 01: Estrutura do Cassino Eldorado 2012

Fonte: MEDEIROS, Elisangela Raquel Pereira.
Pesquisa de campo-2012

Foto 02: Ruína interna do salão do Eldorado, 2012

Fonte: MEDEIROS, Elisangela Raquel Pereira. Pesquisa de campo-2012

Foto 03: Ruínas do salão de jogos do Cassino, 2012

Fonte: MEDEIROS, Elisangela Raquel Pereira. Pesquisa de campo-2012

Contudo, as fotos refletem como materiais históricos e simbólicos perceptíveis e que não se tratava de um "mero" cassino, o Eldorado foi um dos maiores referenciais artísticos e culturais da região. Conforme relatos de boêmios, que o frequentavam, evidencia que sua arquitetura era maior que de alguns cassinos do Rio de Janeiro. O senhor José Antônio Neto, lembra que: "Para assistir suas atrações, chegavam pessoas em carros com placas de diversos Estados brasileiros para usufruir desse luxo e das noites de luxurias" (29/09/2012). Essa sua eficiente memória faz regular costumes passados com a história local própria, capaz de forçar sua presença imaginaria no cenário socioeconômico, artístico e cultural da cidade campinense.

É interessante notar que o espaço ocupado por essa atividade ilícita ou não, movimentava todo o comercio local. Havia uma disputa por cada lugar, nessa época, principalmente entre as proprietárias dos bordéis, e que utilizavam de todas as formas e articulações, desde belas meninas a atrações das mais diversificadas para impressionar seus futuros clientes. Nascimento (2008) afirma que "Um esplendoroso mercado de luxurias que sobrevivia graças a um tipo de comércio confiscado pelas leis divinas, mas legalizado pela liberdade inconsciente dos humanos" (p.101).

Para entender a dinâmica espacial das práticas marginalizadas é necessário remeter-se aos tipos de territórios existentes, onde se pode defini-los como fluxos e fixos, entende-se por ser fixo algo imóvel, fluxo móvel, Santos (2011): "[...] considera que os fixo são geralmente constituintes de ordem pública ou social, enquanto os fluxos são formados por

elementos públicos e privados em ou menos abertos às teses privatistas" (p.247). Desta forma enquanto as profissionais do sexo encontravam-se em ruas diversas seus territórios eram fluxos, a partir do momento que se estabeleciam em apenas um local (privado), a exemplo, do próprio Eldorado, o território torna-se fixo.

O Cassino proporcionava noites inusitadas pelas damas do sexo, possuidoras de boas conversas e de diversões, ofereciam o prazer e jogatinas, entre outras. Marcado por status, apenas frequentado por boa parte da elite, os mesmos eram obrigados a estarem bem vestidos para poder frequentar o ambiente caso contrario sua entrada não era permitida. Junior (2000): relata um caso de um grande produtor de algodão de Sucuri, Manuel Duarte, que no momento, não vestia roupas adequadas e foi proibido de entrar no ambiente mesmo se identificando e ressaltando o seu poder econômico e de que possuía dinheiro suficiente para comprar o próprio estabelecimento não pode permanecer no recinto. Retirou-se e foi comprar novas vestimentas (paletó, gravata, sapatos limpos, por exemplo), era o preço para usufruir uma noite de luxuria e de prazer.

As mulheres do recinto vestiam roupas confeccionadas com tecidos importados, perfume francês, e educadas, tudo como o figurino pedia, ou melhor, se comportavam à moda francesa, na realidade uma cultura imposta. Dessa maneira, demostravam-se mais sensíveis e as relações sexuais lascivas e cheias de paixões, o que fascinavam os homens da sociedade e lhes proporcionavam prazeres indescritíveis. Adler (1991) relata:

> [...] o que elas têm a mais que nós? Tem muito mais que vocês, respondem os homens. Tem a beleza picante, a arte da replica perfeita, o olhar perturbador, o sentido da despesa, o gosto pela noite, a carne palpitante, o riso fácil. A ciência do abandono. Com elas os homens tem vontade de passar a noite [...] (p.30).

O contexto denuncia as qualidades que essas mulheres possuíam através das habilidades e competências relacionadas à vida sexual. Esses atos a sociedade não permitia e, as mulheres "de bem" no caso, as casadas (esposas), tinham a obrigação de cuidar da casa e dos filhos, Chauí (1991) enfatiza que: "[...] quando voltamos os olhos para o século XIX, descobrimos uma representação da feminilidade na qual as mulheres são assexuadas, frígidas, feitas para a maternidade" (p.27). Essas mulheres, não poderiam em hipótese alguma demostrar qualquer tipo de prazer, eram vistas como se fosse algum problema físico e mental, era intolerável. Entretanto, esses termos polissêmico, conhecidos por todos como sendo contraditórios, nas diversas esferas da vida pessoal ou coletiva.

A história é marcada pela coexistência de múltiplas práticas, contudo é importante ressaltar a participação das mulheres emblemáticas que passaram pelo Eldorado e deixaram marcas nos corações de citadinos campinenses, dentre elas, a própria Carminha Vilar

primeira gerente do Cassino, Maria Garrafa, Nina e Josefa Tributino, entre outras, que contemplariam pesquisas, devido suas histórias. Entre estas, Josefa Tributino, a famosa Zefa Tributino, a segunda gerente e dona do Cassino Eldorado. Casou-se aos 12 anos com o coronel Tributino, ficou viúva aos 24 anos, e com uma riqueza incalculável, resolveu dedicar-se a gerenciar bordeis o primeiro encontrava-se na rua: Roi do Couro, hoje, Juvino do Ô, com o nome, Pensão Moderna, em 1942 comprou o Eldorado de Carminha Vilar, mantendo-o até 1950, quando aconteceu o seu declínio.

Nas ruinas do Eldorado, encontram-se historias paixões, que marcaram o município, seu declínio deu-se por vários fatores, com algumas controvérsias. Alguns associam ao próprio declínio da cultura do algodão que abalou consideravelmente a sua economia e de alguns fazendeiros da região, não tendo mais condições de frequentar o luxuoso lugar, a II Guerra Mundial também influenciou direta e indiretamente, mas pode-se dizer que foi a lei imposta em 1946, que influenciou consideravelmente o declínio do Cassino. A lei foi homologada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra proibia jogos de azar em todo o país, desapareceu desta forma o Cassino, tornando apenas um "cabaré". A alta sociedade já não frequentava, tornando-se um lugar popular e quase sem luxo, o sexo já não era tabu, e muitos encontros começam a ocorrer em vários pontos da Feira e de cidade, inclusive em automóveis, essas cenas tornaram-se comuns e populares, na época.

4.1 As Práticas da Prostituição Feminina em Campina Grande no Século XXI

Nessa perspectiva, optou-se por esclarecer algumas questões sobre o sexo como ferramenta explicativa na organização do espaço urbano público, no século XXI em Campina Grande, tendo em vista, não se vivenciar mais o glamour dos cassinos e caberes, substituídos por casa de encontros como, os bares, as pousadas, motéis e trelês, entre outros. Suas localizações são percebidas em alguns bairros da cidade, não ficando restrito em determinados locais como fora visualizado nas décadas de 1930 até 1950. Os números de prostitutas aumentaram consideravelmente o que implica no próprio aumento populacional, no entanto, os níveis também se diversificam indo do nível baixo, médio e alto.

As entidades nascem, renascem e revitalizam-se pelas realidades locais, em Campina Grande, em 1987, surge á primeira ONG/CIPMAC de um dado grupo de prostitutas da Paraíba, e que ao longo da sua existência, já realizaram diversos tipos de trabalhos através do voluntarismo, junto a funcionário da associação que dividiam seu tempo com as

prostitutas a dar informações preventivas e cursos profissionalizantes, dando oportunidade para que elas pudessem adquirir uma renda extra e optarem em sair dessa profissão.

Em conversa realizada com um dos coordenadores da associação, o senhor Alan Moreira relatou que existe dado que constata o numero de prostituição entre os sexos femininos e masculinos e de que se encontram distribuídos em alguns lugares da cidade, e que os cadastramentos são realizados anualmente, principalmente no mês de janeiro, as visitações acontecem no próprio ponto de encontro, segundo o senhor Alan Moreira:

> Hoje é um número rotativo, anualmente realizamos um recadastramento, está acima de 400 profissionais femininas, travestis e michês. Ele é rotativo, anualmente ocorre um recadastramento, sempre tem aumentado sai 10 entra 20. As profissionais do sexo não permanecem em um mesmo local, permanecem onde estiver uma boa situação financeira. Os pontos de encontro são espalhados da mesma forma que as profissionais do sexo, de repente um ponto de encontro fecha e abre dois, são rotativas e iguais as profissionais do sexo (04/10/2012).

Pode-se perceber, então, que a fala de Alan está permeada de informações de que esse número é rotativo, sempre sai como também chega novas mulheres. Estima-se que haja muito mais de 400 profissionais, algumas preferem não se identificar e viver no anonimato, como as mulheres conhecidas como acompanhantes de luxo, nas quais, suas atividades sexuais são agenciadas em vários pontos da cidade de Campina Grande. As variedades desses territórios vão desde os lugares afastados do centro, como também os inseridos no próprio contexto urbanístico central da cidade, no caso da Feira Central, em horários: diurno e noturno, disputando espaços com os comerciantes do lugar.

Propor-se, assim, a uma identificação a partir do quadro do referencial histórico-conceitual discutido até o momento com as questões de como e qual o motivo essas meninas do sexo optaram por esta atividade. O colaborador da associação, Alan de imediato se prontifica identificando os diversos motivos, afirmando que: “Tem vários depoimentos, o primeiro é a questão financeira, outras por que foram desiludidas e engravidaram e as famílias não as aceitam, algumas têm outro trabalho. É um trabalho, não é um dinheiro fácil é um dinheiro imediato” (04/10/2012).

Na fala o senhor Alan declara que a questão básica diz respeito à situação econômica de cada uma delas, mas, procura deixar clara a questão sentimental e familiar. Ressalta que não é só uma prática, é também uma forma de trabalho, por ser um dinheiro de pagamento imediato muitas acabam transformando-a em profissão adequando ao próprio meio de vida. Diante tal situação se vê obrigadas a viver uma experiência amarga.

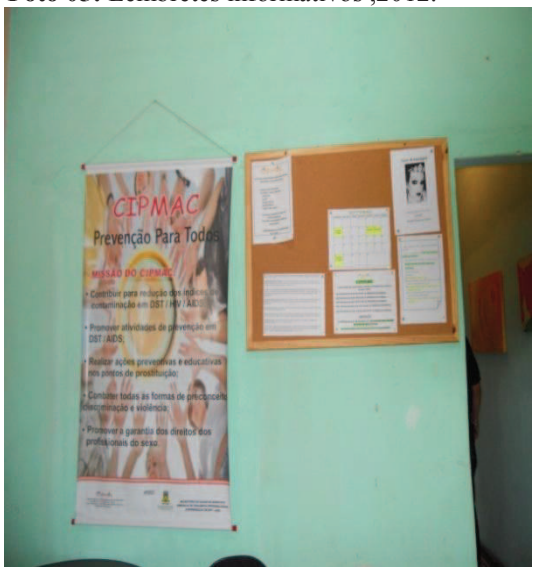
A CIPIMAC localiza-se na Rua Irineu Joffily e a sua origem deu-se no momento de um surto do vírus da HIV (AIDS) na cidade. A partir daí um grupo composto por trinta e

oitos profissionais do sexo se reuniram e decidiram cadastrar todos para ter-se uma noção de quantos (as) destas ou destes poderiam estar infectadas. Hoje através convênio junto ao Governo Federal realizam palestras informativas sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, promovem cursos como: cabelereiro, manicure, entre outros. Atualmente a CIPMAC conta com o apoio de quatro voluntários: Milene Ferreira da Silva, Alan Moreira, Alexandre e Valdira. As fotos: 04 e 05 destacam os integrantes da equipe no interior da sede.

Foto 04: Voluntários : Alan, Milena, Valdira

Fonte: MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira
Pesquisa de campo outubro de 2012

Foto 05: Lembretes informativos ,2012.



Fonte: MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira
Pesquisa de campo outubro de 2012.

A CIPIMAC funciona nas segundas, quartas e sextas, das 14:00 as 17:00 horas, o prédio possuí uma estrutura interna que se divide em três compartimentos, em que existe uma sala onde funciona os cursos profissionalizantes, uma sala da coordenadoria geral, banheiros e uma cozinha. A ONG foi de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, disponibilizando informações pertinentes ao tema.

Em ruas, nos bares, agenciadas, na Feira Central, mostra-se o diverso mundo que rodeia as profissionais do sexo**,** no entanto, devido ao emblemático sentido que o Eldorado obteve ao município de Campina Grande e mais precisamente o poder simbólico que o mesmo detém na Feira Central, será delimitado como área de estudo os seus arredores, localizando-se na Feira Central, mais precisamente na famosa parte conhecida como Feira de galinha.

4.2 A dinâmica microterritorial da Feira Central: suas relações coniventes a Prostituição Feminina, em Campina Grande/PB.

As cidades constituem um emaranhado complexo de apropriações espaciais que permite a construção e a permanência de identificações e práticas culturais de diversos grupos sociais. São inúmeros trabalhos que versam sobre cidade, enfatizando sua dinâmica espacial. Nesse contexto historiográfico evidencia-se a existência da prostituição feminina questionada como marca de indicadores antissocial. O fato é que marcaram e enraizaram, em qualquer época passada como no presente, isto quer dizer, no tempo e no espaço.

Em Campina Grande, na Paraíba, especificamente na Feira Central, mais precisamente na rua, Manoel Pereira de Araújo, conhecida como a feira da galinha, localizada nos entornos das ruinas do antigo Cassino Eldorado, evidentemente onde se estabelece o território da marginalização, frequentado pelas profissionais do sexo que atua nessa localidade e chega a cento cinquenta, conforme (CIPMAC, 2012), essa pluralidade de tendências é devido a exorbitante presença de pontos de encontros como bares, quiosques pousadas, por exemplo. Comprovando, assim, que em um mesmo espaço pode existir a confluência de vários territórios, nos quais se enquadram os lícitos e ilícitos. Contudo importa reportar sobre essa área do tema em discussão e de estudo, que é, a prostituição feminina na Feira Central de Campina Grande, na Paraíba.

Nesta localidade evidenciou-se a existência a Prostituição Feminina e os territórios dos comerciantes. No passado bem recente neste microespaço urbano público vivenciou-se o glamour de boa convivência entre os proprietários de grandes e de pequenos comércios, das mesmas formas familiares que ali residiam e ainda residem, e que deve ser entendido como um sistema de objetos de valores, no qual, grupos sociais urbanos atentam pelas relações espaciais sobre as implicações aos desejos da sexualidade, por outro lado, a Geografia deve fundamentar condicionante a respeito dessas relações individuais e coletivas da produção e reprodução do espaço urbano. A Figura 06 mostra as ruas delimitadas para o trabalho, Ponto 02 Rua Tavares Cavalcante travessa com a Rua Manoel Pereira de Araújo visualizada no Ponto 04 .

Figura 06: Delimitação da área de estudo-2012

Fonte: Google Earth_ adaptado por MEDEIROS, Elisangela Raquel Pereira. 2012

Dentre as inúmeras tendências de entender melhor tal problemática, cabe ressaltar, pelo fato de se fundamentar as observações empíricas de dados locais das ruas e avenidas conforme informações da Figura 06. Diante das ressalvas realizadas no decorrer do Trabalho entre os meses de julho, agosto, setembro e outubro de 2012, cotidianamente pela manhã através de observações realizadas na forma de ver o espaço urbano nos arredores do Eldorado, nas ruas Deputado José Tavares e Manoel Pereira de Araújo, na Feira Central. Enfocando, as práticas citadas anteriormente acrescentando outras: a feira da galinha, os bares, o comércio em geral, a feira de troca de mercadorias, uma sucata, além das atividades sexuais, mostrando a dinâmica territorial existente.

Durante a visitação ficou evidente, nesta o estudo das múltiplas apropriações espaciais na cidade ou a produção de microterritorializações urbanas para o entendimento entre as pessoas em relações à estética, à amizade, às festas, aos desejos, ao amor e a sexualidade devem ser melhor entendidas de ordem sociocultural na construção de uma sociedade melhor. Não apenas na existência das profissionais do sexo na prática de suas atividades esse fato tornou a pesquisa mais intrigante. As fotos 06, 07, 08 e 09 mostram a dinâmica da Feira Central onde as prostitutas dividem seu espaço com o comércio de modo geral.

Fotos 06: Vendedores de galinha ,2012

Fonte: MEDEIROS, Elisangela Raquel. Pereira
Pesquisa de campo, 09/2012

Fotos 07: Quiosque ponto de encontro,2012

Fonte: MEDEIROS, Elisangela Raquel Pereira
Pesquisa de campo, 09/2012.

Foto 08: Consumidores da Feira, 2012

Fonte: Elisangela Raquel Pereira Medeiros
Pesquisa de campo, 09 2012

Foto 09: Sucata de lixo na rua- Feira, 2012.

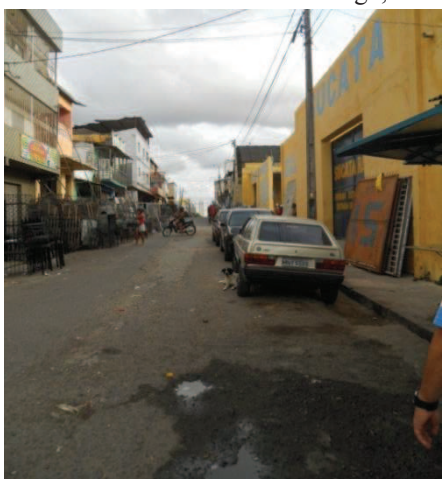
Fonte: Elisangela Raquel Pereira Medeiros
Pesquisa de campo, 09/2012.

As fotos acima visualiza a Feira nos seus dias de maiores movimentos: as quartas feiras e aos sábados, da mesma forma os de menor fluxo de pessoas como poderá ser visualizada nas fotos 10 e 11, em que mostram o movimento da Feira nos dias de sexta-feira e domingo.

Foto 10: Feira central na sexta-feira, 2012

Fonte: MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira. Pesquisa de campo, 10/2012

Foto 11: Feira Central no domingo, 2012.



Fonte: MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira. Pesquisa de campo, 10/2012.

Segundo Silva (2002) os territórios da prostituição podem ser classificados em moveis e fixos. Os móveis são como o próprio termo indica e constituí microterritório públicos, nos quais existe uma movimentação de pessoas e de objetos das profissionais do sexo para a prática de suas atividades, isso ocorre quando estão a procura de clientes em determinadas ruas. Os fixos são aqueles que se caracterizam pela exclusividade fixa do seu agregado social, num determinado lugar por algum tempo, território esses que acabam sendo visados pela população. No caso das profissionais do sexo da Feira Central o território fixo é o que melhor se enquadra no estudo.

Além dessa subdivisão territorial da prostituição, ocorre também uma classificação ao nível social no qual elas se encontram. Que vão desde os mais altos níveis, em que seriam aquelas com acompanhantes de luxo, que utilizam a prostituição como trabalho "extra", e que possuí outra profissão. O nível médio as que trabalham nos horários noturnos em ruas paralelas da cidade e o nível baixo são as mulheres que utilizam essa profissão como único meio de vida, alguma inclusive encontra-se em níveis degradados por conta do álcool e das drogas, as prostitutas da Feira Central enquadram-se nessa descrição.

Uma das hipóteses levantadas pelo trabalho, era se haveria uma continuidade dessa profissão aos arredores do Eldorado, a partir da visitação in loco e de levantamento bibliográfico junto com a ONG CIPMAC, ficou evidente que a atuação dessas profissionais do sexo continua precisamente na Feira Central de Campina Grande, Segundo Santos (2011): "[...] os territórios revelam ações passadas e presentes, mas já congelados coincidência nos objetos" (p.247). Essas ações identificadas na década de 1930 por agentes

sociais que fizeram da feira um lugar privilegiados para poucos, no caso, para os grandes fazendeiros, usufruiriam do seu status econômico para o Cassino, no século XXI observa-se uma diferenciação não apenas pelo fato de não haver, o Eldorado, no entanto, a pratica da prostituição feminina continua em seus arredores.

Nesse processo é interessante notar a estigmatização pela qual a Feira Central incide, Silva (2002) enfatiza que: "[...] para os autores, o grupo de prostituta segrega seu próprio território, mas o restante da população "estigmatiza" esses territórios" (p.40). Para encontrar essa multiplicidade local relacionado ao território da prostituição não foi difícil principalmente por condenar essa realidade social, muito conhecida pela população, e ao perguntar a sua localização, a sociedade da ênfase e ainda define como sendo o "cabaré da feira". Mais uma vez o passado retorna conhecido popularmente devido ao fato da incidência do antigo cassino e dos cabarés que alí existiam.

Nesse jogo de situações e contextos relacionais promovidos por identificações especificas. Hall (2005, apud GIDDENS, 1990, p.37-38) ressalta que: "A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserido qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas culturais recorrentes". Vistas pelas funções sociais, quando centradas em identificações realistas no tempo e no espaço, produzindo inúmeros meios de interação, ou seja, uma multiplicidade de práticas culturais urbanas que se solidificam pela possibilidade de compartilhamento espacial, em pequenas partes delimitadas do espaço, produzindo desta forma, uma cidade fragmentada (microterritorialidades).

No entanto, ao retratar contextos e localidades especificas, utiliza-se do pressuposto de que os territórios da prostituição seriam apenas noturnos, cedendo o espaço diurno para outras práticas. Souza (2002) adverte que: "Os territórios de grupos de prostituição podem ocupar espaços da cidade apenas durante a noite servindo esse espaço, durante o dia, para outra atividade. Tais territórios são conhecidos como territórios cíclicos" (p.42). No caso da prostituição feminina na Feira Central, nota-se que as atividades são ocorridas no período diurno, o mesmo espaço dividido com os feirantes, tais complementaridades se materializa, assim, compreende-se, que a movimentação ocorre sempre na mesma rua e quase no mesmo horário, por esse motivo foi enfatizado o diferencial dessa territorialidade.

Durante a visitação ficou evidenciado que a movimentação da Feira realmente acontece nos dias de quartas e sábados, em entrevista com algumas dessas mulheres do sexo, elas ressaltaram que: trabalhar diurnamente nestes dias, onde o fluxo de pessoas é maior e a presença de clientes é intensa o faturamento é bem melhor (09/2012). Essas mulheres

formam uma decisão própria e uma estratégia de tornar seu trabalho visível, ofertando cotidianamente seu corpo aos prazeres do sexo, na perspectiva de um bom lucro no final do dia.

Em continuidade sobre a vitalidade das discussões das relações sexuais feminina na Feira Central, ao considerar como um lugar propício a essa prática, essas mulheres deixam claro que a feira é o melhor espaço. Ao abordar duas jovens prostitutas, ao interrogá-las, por que vocês escolheram a feira? Elas se prontificaram em respostas imediatas, e foram unanimes por optarem em ficar na Feira Central, pelo número de clientes que aparecem. Em outro encontro a envolver jovens em iguais situações, a Flavia Maria Mariano, 24 anos, prostituta desde os 16 anos, falou que: "Eu ia para rua João Pessoa só que era melhor de noite, aqui na feira é 24 horas" (09/2012), já Elizabete, de 23 anos, desde os 14 que trabalha como prostituta, confessa: "Já fui para rua João Pessoa, Índios Cariris, mas acho melhor a feira" (09/2012).

Observou-se que os Bares na Feira Central são abertos das 07:00 às 19:00 horas, o movimento tanto de prostitutas como de clientes é intenso principalmente no horário diurno. Mas, conforme a coordenadora geral da CIPIMAC, a senhora Milena Ferreira da Silva sobre o número de prostitutas na Feira Central e a escolha deste horário, a mesma confirmou que:

> O motivo da escolha da Feira central como ponto para prostituição esta pelo simples fato de pessoas que ali passam, é a lei da oferta e da procura: as prostitutas não vendem o corpo mais vende prazer, as prostitutas não são levadas pra casa ou fatiadas como feito um pedaço de carne, elas vende prazeres e fantasias, apenas isso (09/2012).

Na abordagem da senhora Milena, ficou claro o motivo pelo o qual a escolha daquele espaço, por ser bastante frequentado, com isso o fluxo de clientes é constante, lugar onde se localiza os bares, pousadas entre outras (os), e entre uma ou outra compra, sentam em um desses locais para relaxar, comer ou beber alguma coisa e isso torna-se essencial no dia de feira, para as prostitutas aproveitam esse momento e lhes oferecerem seus serviços.

Em torno do espaço central, existem diversos territórios, sem nenhum confronto, sempre respeitando a individualidade de ambos. Entre os comerciantes pode-se observar que há um vinculo direto principalmente com os donos de bares, por estes servirem de pontos de encontro para os diversos níveis sociais de pessoas (as prostitutas, por exemplo), funcionam à partir das 7:00 horas da manhã. Nos primeiros contatos com os comerciantes, observou-se que não se sentiam à vontade para a discussão sobre a prostituição, alguns chegaram a negar tal existência, outros confessaram e mostraram até as profissionais afirmando sem pudor as suas atividades.

O mais surpreendente não é a utilização desses locais como ponto de encontro, mas, a existência de quartos na parte interna dos bares que são alugados para as prostitutas levarem seus clientes, em entrevista com Elizabete, a mesma relata o valor do programa e dos quartos: Elizabete 23 anos "Eu mesmo é vinte reais, cinco reais da pousada e quinze reais comigo, pousada aqui tem em todo canto da feira, aqui em Jerlane". Flavia Maria Mariano 24 anos, afirma que recebe: "dez reais ou quinze reais dependem, pousada aqui na feira mermo".

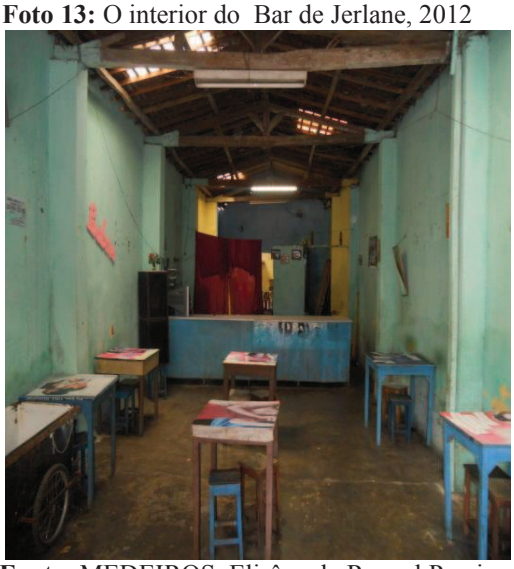
Jerlane confessa que é dona de um dos bares e de uma pousada e confirma a ressalva dessas profissionais como também descreveu sobre os quartos oferecidos e o valor cobrado por cada um, "cinco reais". Ficou comprovado que além da aceitação entre os comerciantes existem uma experiência vivida e uma relação amistosa entre os donos dos bares por troca de favores, nestes o consumo de bebidas, como também usados pelas prostitutas e clientes. Em seu discurso Mattos (2002) enfatiza a prostituição como uma relação de poder, as pessoas optam em prostituir-se estabelecem um território onde se desenvolve esta atividade, no caso da Feira Central, essa atividade acontece no entorno e no interior dos bares, todos os dias, desenvolvendo-se em meio às várias outras redes.

No entanto, permite compreender, que entre esses estabelecimentos, encontra-se o do senhor José da Costa Neto, de 66 anos, que tem seu comércio há mais de 32 anos. Relata que a convivência é pacifica, e acrescenta: "Tenho uma boa relação com elas e os comerciantes, elas respeitam, o negócio é não dá moral se der moral aí pronto elas não respeitam. Bom dia, boa tarde apenas isso" (09/2012). O senhor José da Costa Neto enfatiza muito bem a boa convivência, cada uma fazendo a sua parte e respeitando a individualidade. As fotos 12 e 13 denunciam os dois bares, o de Jerlane e o do senhor José.

Foto 12: Fachada do Bar de Jerlane, 2012

Fonte:MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira
Pesquisa de campo setembro de 2012

Foto 13: O interior do Bar de Jerlane, 2012

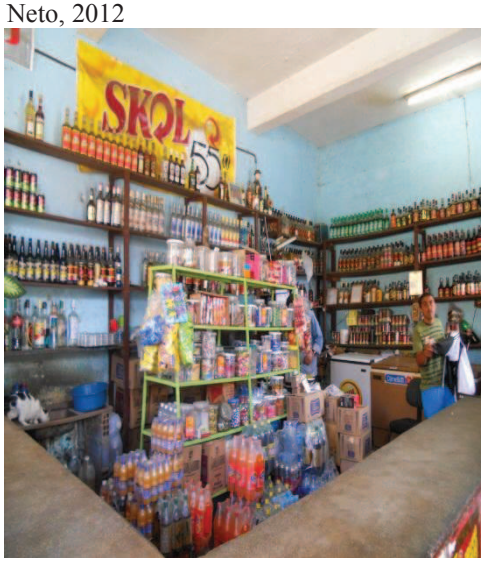


Fonte: MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira
Pesquisa de campo setembro de 2012

Figura 14: Faixada do bar do Sr. José Neto, 2012

Fonte: MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira
Pesquisa de campo setembro de 2012

Figura 15: Parte interna do Bar do Sr. José Neto, 2012



Fonte: MEDEIROS, Elisângela Raquel Pereira.
Pesquisa de campo setembro de 2012.

Observa-se que os bares são de pequena estrutura, o de Jerlane, por exemplo, é um pequeno bar, com destaque de algumas mesas, destinadas ao consumo de bebidas alcoólicas, além de quartos destinados à prática sexual, utilizados pelas prostitutas e clientes, localizados na parte de traz do bar, porém, não foi permitido o registro interno dos quartos. O estabelecimento do senhor José da Costa Neto, as fotos 14 e 15 denunciam que é apenas um pequeno comércio de vendas de bebidas no geral, junto a uma variedade de mantimentos, não foi comprovado se a parte de cima do seu estabelecimento é utilizada como pousada, o mesmo nega qualquer coincidência.

Questionados sobre valores dos programas, eles apenas confirmam o dito anterior, que variam entre vinte ou quinze reais, sendo cinco reais, o último como pagamento pelo o uso dos quartos pelas prostitutas, durante o decorrer das entrevistas pode-se perceber que uma boa parte delas é usuárias de drogas e, que só algumas delas frequentaram o ensino Fundamental, Tem filhos e começou a trabalhar como prostituta a partir dos 11 á 14 anos. Os motivos são vários, dentre estes, inclui-se o vício das drogas (álcool, craques, por exemplo), a exploração sexual, entre outros. Elizabete prostituta desde os 11 anos, relata:

> Quem me trouxe aqui foi a minha tia, eu tinha 11 anos, ai ela ajeitou um programa para mim. Ai uma vez eu vi minha tia fumando uma coisa no banheiro e perguntei o que era, aí ela me disse que era maconha. Aí a primeira vez que eu fumei fiquei muito doida, eu ri tanto. Eu morava no Zé Pinheiro com meu tio ai ele faleceu. Eu era da escola, pra casa e pra igreja, aí depois que meu tio faleceu a mulher dele que é minha mãe de criação me tirou de dentro de casa, ai eu virei a cabeça. Minha mãe é lésbica vive com outra mulher, prefere mais a mulher do que eu (09/2012).

A falta de estrutura familiar e inclusão de drogas estão presentes na vida dessas meninas, é perceptível que a maioria tem algum tipo de vicio seja de álcool ou drogas, os motivos da escolha dessa profissão são diversos. Alan Moreira esclarece que: "A escolha dessa profissão tem um motivo, seja algo como própria exploração sexual na infância, por revolta a serem excluídos de casa ou simplesmente da noite para o dia querer proporcionar prazer por dinheiro" (09/2012). Essa ressalva do senhor Alan pode ser comprovada na própria fala de, Flavia Mariano prostituta, quando afirma: "Por que a pessoa se revolta. A pessoa não tem mais nada a perder mesmo, aí cai na vida, não tem outra alternativa" (09/ 2012). Percebe-se qualquer que seja o motivo, não é uma escolha fácil e muitas acabam se arrependendo, querendo apenas uma oportunidade como pode ser observado na conversa com Elizabete: "Sim, eu tenho muita vontade de sair, não vou mentir. Tá faltando oportunidade é só quando Deus colocar no meu caminho uma coisa boa, eu saio dessa vida" (09/ 2012).

Esta pesquisa procurou analisar empiricamente como se produzem microespaços para esclarecer dúvidas com relação aos múltiplos territórios, num mesmo espaço, evidenciando a apropriação informal de microagregados sociais que tecem tipos de relações diferenciadas e produzem segregação em microescala de convivência social. Detendo-se o espaço urbano público da Feira Central da cidade campinense, em sua retratação sobre a prostituição e suas relações existentes através de atividades licitas (comércio) e ilícitas (prostituição) revelando-se que tal prática apesar de ser condenada ou estigmatizada com sendo marginal, pela sociedade, acomoda-se aos demais territórios considerados normais.

Pode-se acrescentar que o espaço é testemunho na medida em que ele presencia, capta um momento de um modo de produção, através da memória do próprio espaço, construída das coisas fixadas na paisagem, em outras palavras ao se organizarem o espaço reproduz as características do modo de produção que lhe originou, que forma o espaço que se inserem na paisagem e reflete nas relações. Na Feira Central, observou-se que os vestígios deixados pelo o Cassino Eldorado, refletem a continuidade da prática à prostituição. No mesmo local a conivência entre comerciantes, prostitutas e moradores em décadas anteriores, continuam até hoje, não de forma organizada como outrora, mas de forma emblemática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O proposito deste trabalho foi analisar um emaranhado complexo de apropriações de territórios marginalizados, contido no contexto histórico em diversas partes do mundo (Grécia, Itália, França e Brasil) como parte da História da Humanidade, incluindo os microterritórios das práticas sexuais, evidenciando sua permanência, o que permitiu a identificar e denunciar essas atividades sexuais propiciadas por grupos sociais diversos. Enfatizando a dinâmica do "espaço material", na Feira Central, em Campina Grande, na Paraíba, através do ato de vender prazer, e a atuação das mesmas junto aos comerciantes locais.

Diante desse contexto, sobre a Prostituição Feminina, na Feira Central, em território campinense, notou-se no decorrer do tempo e do espaço, a resistência e a continuidade a prática sexual, de acordo com a própria contextualização da sociedade de cada época. Tendo em vista, que o papel dessas mulheres do sexo para a elite foi sempre ignorado, elas constituem por meios de seus atos partes da segregação sócio espacial das relações que compõem os microterritórios da Feira e da cidade, por existir na contemporaneidade.

Neste estudo a Geografia buscou a entender os procedimentos da espacialização no meio urbano público da área escolhida, a Feira Central, de Campina Grande, destacando sua importância socioeconômica e cultural no passado e no presente para o município, nas diferentes escalas geográficas no tempo/espaço, referindo-se as décadas de 1930 a 1950, a pesquisa ampliou-se através de entrevista com prostitutas e antigos moradores, esclarecendo que os microespaços da Feira não eram utilizados apenas por alguns tipos de comércios e prestação de serviços diversos, mas, habitados através de apropriação por microagregados sociais. O que dá continuação a viver sempre à margem da sociedade.

A pesquisa iniciou-se discutindo a diversidade identitária que permeia a realidade das profissionais do sexo, para compreender as múltiplas histórias observáveis nos entornos do antigo Cassino Eldorado, hoje em ruinas. Localizado na rua: Manoel Pereira de Araújo, conhecida como rua do cabaré da feira, pelo fato de ter sido e continuar sendo ponto de encontro das meninas do sexo. O que incitou o estudo a abordagem para entender o cotidiano urbano e suas microterritorializações, para evidenciar o cerne empírico do trabalho (cientifico), demostrando como esses processos aconteceram e acontecem na Feira Central, campinense.

Pode-se perceber no meio urbano posturas e tolerâncias positivas e negativas, em relação a essas mulheres do sexo de comportamentos que congregam expressões de caráter estranhos e específicos estabelecendo convivência que possibilitam, a gosto e estilos dentro do próprio espaço prontas ao aconchego amoroso. Conhecer não apenas a existência dessas profissionais do sexo, mas pelo fato de realizarem programas em turnos diferentes e, as histórias delas e os motivos da escolha pela prostituição.

Faz-se necessário ressaltar que a Feira Central, de Campina Grande, a partir de sua capacidade de ultrapassar fronteiras de dimensões simbólicas não pode ser apenas analisada a prostituição de modulo geral, mas o caráter socioeconômico e suas inúmeras particularidades que envolveram e envolvem pessoas que devem ser objetos de atenção, reconhecendo essas particularidades à territorialidade da Prostituição Feminina em períodos passados e que se estende até os dias atuais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Laure**. Os Bordeis Franceses, 1830-1930**, São Paulo: Companhia de letras 1991.

ALMEIDA, Elpídio**. Historia de Campina Grande,** 2º ed. João Pessoa: Editora Universitário/ UFPB 1978

BARRETO, Andréia: **Gênero e Diversidade na Escola : Formação de Professoras/es em Gênero ,Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasilia: SPM , 2009

BEAUVOIR, Simone de : **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Tradução de Sergio Milet, 2º ed. São Paulo: difusão Europeia de livro, 1967

CHAUÍ, Marilena: **Repressão sexual: Essa nossa (des) conhecida**. 12º ed., editora, São Paulo: Bottini 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato, Espaço: um conceito- chave da geografia. In: Castro, Iná Elias de et. al. **Geografia: Conceitos e temas**. 11º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

DAMIANI, Amélia Luisa: O lugar e a produção do cotidiano, at al novos caminhos da geografia Ana Fani Alessandri (org) 5º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007

DINOÁ, Ronaldo. Memorias de Campina Grande. Volume I e II, Editoração Eletrônica, 1993.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**, 5ºed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

JUNIOR, Cloves Fernandes Nobrega. Cassino Eldorado. Monografia UEPB, Campina Grande, 2000, paginas 43

MATTOS, Rogerio Botelho. **A Dinâmica dos Espaços da Prostituição na Cidade do Rio de Janeiro**. In Miguel Angelo Ribeira, et al. **Território e Prostituição na Metrópole Carioca**. 1º ed. Rio de Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2002

NASCIMENTO, Uelba Alexandre. O Doce Veneno da Noite: Prostituição e Cotidiano em Campina Grande (1930-1950). 1º ed. Campina Grande: EDUFCG, 2008

ONELLEY, Glória. **Contra Neera [Demóstenes] 59**. Coleção autores Gregos e Latinos, 1º ed. Coimbra: Editor, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder,** São Paulo:Ática,1993

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1985

_____, Milton. **O Brasil Território e Sociedade no Inicio do Século XXI**.15º ed. Rio de Janeiro: Record,2011

_____, Milton. Por uma geografia nova. 5º ed. São Paulo: EDUSP, 2002

_____, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SANTOS, Agnaldo Barbosa dos. **Espacialidade e ressignificação das cavalhadas de argolinhas de Campina Grande:** UEPB, 2007.

SOUSA Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. Territórios de Confrontos: Campina Grande-1920 – 1945.. Campina Grande: EDUFCG, 2006 193p; (coleção outras historias, n. 3)

_____, Fabio Gutembergue Ramos Bezerra. **Campina Grande: Cartografias de uma reforma Urbana no Nordeste do Brasil (1930 -1945).** São Paulo 2003, Revista Brasileira de Historia ISSN 18069374

SOUZA, Marcelo José Lopes de .**O Território Sobre o Espaço e Poder ,Autonomia e Desenvolvimento** .In: Castro, Iná Elias de et. al. **Geografia: Conceitos e temas**. 11º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2008

STURAR, Hall. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10º ed., Rio de Janeiro: DPSA, 2005

http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=campina+grande+1928 acesso agosto de 2012

http://www.achetudoeregiao.com.br/pb/campina_grande/historia.htm acesso setembro de 2012

EARTH, Google. Google Earth: Versão 7. Google, 2012. Windows XP, Windows Vista e Windows 7, plataforma 32 bits. acesso setembro de 2012

APÊNDICE A

Entrevista com os comerciantes da Feira Central

1. Qual o seu nome? Sua idade?
2. Há quanto tempo trabalha nesse ramo?
3. Há quanto tempo trabalha ou tem o estabelecimento na Feira Central?
4. Quais os dias que o estabelecimento está aberto?
5. Quais os horários de funcionamento?
6. Quais os dias de maiores movimentos?
7. Tem algum período ou mês que o movimento é maior?
8. Conhece ou desconhece o trabalho das prostitutas nesse local?
9. Conhece a historia do Eldorado?
10. Quais as relações estabelecidas?
11. Ajuda ou atrapalha no movimento do estabelecimento?

APÊNDICE B

Entrevista realizada na ONG CIPMAC

1º O que seria a CIPIMAC?

2ºQual a importância da mesma?

3º Existe quantas ONG'S trabalhando com as profissionais do sexo?

4º Como é realizado o cadastro das profissionais do sexo?

5º Quantas pessoas trabalham na ONG?

6º Deve-se chamar Profissionais do sexo?

7ºQuantas Profissionais do sexo estão cadastradas na ONG?

8º O que levam essas meninas a optarem por essa profissão?

9ºcom relação Feira Central, quantas meninas existem trabalhando naquele local?

10º O que levam as mesma a escolherem a Feira Central como local de trabalho?

11º Seria o passado voltando a tona devido aos antigos bordeis que lá existiam?

12º Durante a pesquisa ficou evidenciado que o ato ocorre durante o dia, o que explica esse fato?

13º Para você os que seriam as profissionais do sexo?

APÊNDICE C

Entrevista com as profissionais do sexo (Feira Central)

1º Qual o seu nome?

2º Qual a sua idade?

3º Há quanto tempo você trabalha como profissional do sexo?

4º Qual o motivo da escolha?

5º Mora em Campina Grande?

6º Por que escolheu a Feira Central?

7º Você começou a fazer programa aqui na Feira Mesmo?

8º Qual o valor do programa?

8º Até que ano você estudou?

9º Você é agenciada?

10º Quais os horários que você trabalha?

11º Quais os dias da semana que você trabalha?

12º Quais os dias de maiores movimentos?

13ºQual a relação com os donos dos bares? Eles permitem vocês lá? Existe uma boa relação?

14º Você tem vontade de deixar de fazer programas? Por quê?

15º Você já utilizou de outras ruas de Campina Grande para fazer programa? Onde?

16ºConhece a historia do antigo Cassino Eldorado?